

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

# OUTLANDER

UM SOPRO DE NEVE E CINZAS

LIVRO SEIS



DIANA GABALDON



# OUTLANDER



## O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como

*O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense,

Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias

empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

# OUTLANDER

UM SOPRO DE NEVE E CINZAS

LIVRO SEIS

DIANA GABALDON



Título original: *A Breathe of  
Snow and Ashes*

Copyright © 2005 por Diana  
Gabaldon

Copyright da tradução © 2018  
por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro  
pode ser utilizada ou  
reproduzida sob quaisquer  
meios existentes sem  
autorização por escrito dos  
editores.

*tradução:* Fernanda Abreu e Mariana  
Serpa

*preparo de originais:* Diogo Henriques



*revisão:* Ana Grillo, Ana Kronemberger,  
Hermínia Totti e Milena Vargas

*diagramação:* Valéria Teixeira

*capa:* Saída de Emergência

*imagem de capa:* Joana Kruse/ Arcangel  
Image

*adaptação para e-book:* Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA  
PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES  
DE LIVROS, RJ

---

G111o

Gabaldon, Diana

Outlander [recurso  
eletrônico]: um sopro de neve  
e cinzas/ Diana Gabaldon;  
tradução de Fernando Abreu

Tradução de Fernanda Abreu,  
Mariana Serpa. São Paulo:  
Arqueiro, 2018.

recurso digital (Outlander;  
6)

Tradução de: A breath of snow  
and ashes

Sequência de: Outlander: a  
cruz de fogo

Formato: ePub

Requisitos do sistema:  
Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World  
Wide Web

ISBN 978-85-8041-806-4  
(recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2.  
Livros eletrônicos. I. Abreu,  
Fernanda. II. Serpa, Mariana.  
III. Título. IV. Série.

Todos os direitos reservados,  
no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos  
52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax:  
(11) 3862-5818  
E-mail:

[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

# Sumário

## Prólogo

### PARTE I – Rumores de guerra

1. Uma conversa interrompida
2. Chalé holandês
3. Mantenha os amigos sempre perto
4. Serpente no Éden
5. As sombras que o fogo lança
6. Emboscada
7. James Fraser, agente indígena

### PARTE II – As sombras se adensam

8. Vítima de um massacre

9. O limiar da guerra
10. O dever chama
11. Exame de sangue
12. Mais mistérios da ciência
13. Mãos seguras
14. Povo junco
15. Afogada na estaca

PARTE III – Cada coisa tem a sua  
estação

16. Le mot juste
17. Os limites do poder
18. Vrum!
19. A feitura de feno
20. Presentes perigosos
21. Temos ignição
22. Feitiço
23. Anestesia

24. Não me toques

25. Das cinzas às cinzas

#### PARTE IV – Rapto

26. Um olho no futuro

27. O barracão de maltagem

28. Maldições

29. Perfeitamente bem

30. O prisioneiro

31. Hora de dormir

32. A força é boa demais

33. Onde a sra. Bug intervém

34. As provas do caso

#### PARTE V – Grandes desesperanças

35. Laminaria

36. Lobos de inverno

37. Le Maître des champignons

38. Um demo no leite

39. Eu sou a ressurreição

PARTE VI – Na montanha

40. Primavera de pássaros

41. O armeiro

42. Ensaio geral

43. Refugiados

44. Scotchee

45. Uma mácula no sangue

46. Onde as coisas saem do  
prumo

47. Abelhas e varas

48. Orelha-de-judas

49. O veneno do vento norte

50. Arestas afiadas

51. A vocação

52. M-I-C...

PARTE VII – Morro abaixo

53. Princípios

54. O churrasco de Flora  
MacDonald

55. Wendigo

56. Piche e penas

57. A volta do pastor

## PARTE VIII – O chamado

58. Amar uns aos outros

59. O sapo vai à corte

60. O cavaleiro branco avança

61. Uma epidemia nauseante

62. Ameba

63. Momento de decisão

64. Eu sou a ressurreição, parte  
2

65. A declaração

66. A escuridão se avulta



67. A última risada

PARTE IX – Os ossos do tempo

68. Selvagens

69. Um estouro de castores

70. Emily

71. Morcela

72. Traições

73. Jogo duplo

74. Tão romântico

75. Piolhos

PARTE X – Onde está Perry Mason quando precisamos dele?

76. Correspondência perigosa

77. Dezoito de abril

78. A fraternidade universal dos homens

79. Alertas

80. O mundo de cabeça para baixo
81. O benefício da dúvida
82. Não é o fim do mundo
83. Declarações
84. Entre as alfaces
85. A noiva roubada
86. Prioridades
87. A justiça é minha, diz o senhor
88. No rastro de um escândalo
89. Um voo ao luar
90. Quarenta e seis feijões de vantagem
91. Um esquema bastante perfeito
92. Amanuense

93. Em que fiz as vezes de  
dama

94. Fuga às pressas

95. O cruzador

96. Pólvora, complô e traição

97. Pelo bem de quem a mereça

## PARTE XI – No Dia da Vingança

98. Para afastar um fantasma

99. Velho patrão

100. Viagem ao litoral

101. Ronda noturna

102. Anêmona

103. Interrogatório

104. Dormindo com um tubarão

105. O pródigo

106. Encontro

107. Lua nova

108. A danada é alta

109. Todas as notícias  
adequadas para impressão

110. Cheiro de luz

111. Vinte e um de janeiro

112. Quebrador de juramentos

113. Os fantasmas de Culloden

PARTE XII – O tempo não será  
sempre nosso

114. Amanda

115. Com o dedo no nariz

116. O nono Conde de  
Ellesmere

117. Decerto a justiça e a  
misericórdia me acompanharão

118. Arrependimento

119. Relutante em partir

120. Se fosse só por mim

121. Cruzando o abismo

122. O guardião

123. O retorno do nativo

124. Propriedade do rei

Epílogo – Lallybroch

Epílogo II – O diabo mora nos  
detalhes

Agradecimentos

[Conheça outros títulos da série](#)

[Outlander](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

*Este livro é dedicado a*

CHARLES DICKENS  
ROBERT LOUIS STEVENSON  
DOROTHY L. SAYERS  
JOHN D. MACDONALD  
*e*  
P. G. WODEHOUSE

## PRÓLOGO

O tempo é uma das muitas coisas que se diz que Deus é.

Há o fato de ser sempre preexistente, e o fato de não ter fim. Há o conceito de ser todo-poderoso... pois nada pode resistir ao tempo, certo? Nem montanhas,

nem exércitos.

E o tempo, claro, cura tudo. Basta dar tempo *suficiente* a qualquer coisa e tudo se resolve: toda a dor é contida, toda a dificuldade apagada, toda a perda absorvida.

Das cinzas às cinzas, do pó ao pó. Lembra-te, homem, de que tu és pó, e ao pó voltarás.

E, se o Tempo se parece com Deus, imagino que a Memória deva ser o Diabo.



# PARTE I

## Rumores de guerra



## UMA CONVERSA INTERROMPIDA

O cachorro foi o primeiro a pressentir sua presença. De tão escuro que estava, Ian Murray sentiu, mais do que viu, a cabeça de Rollo se erguer de repente junto à sua coxa, as orelhas se empinarem.

Encostou a mão no pescoço do cão e sentiu os pelos ali eriçados de alerta.

Os dois eram tão sintonizados um com o outro que ele nem pensou “homens” de modo consciente, mas levou a outra mão à faca e permaneceu deitado sem se mexer, respirando. À escuta.

A floresta estava silenciosa. Faltavam horas para o amanhecer, e o ar estava parado como dentro de uma igreja, com uma névoa semelhante a incenso a se erguer

devagar do chão. Ele havia se deitado para descansar sobre o tronco caído de um gigantesco tulipeiro-da-virgínia, pois preferia as cócegas dos bichos da madeira à umidade penetrante. Manteve a mão pousada no chão e aguardou.

Rollo rosnavava, um ronco baixo e constante que Ian mal conseguia escutar, mas que podia com facilidade sentir, e cuja vibração lhe subia pelo braço e despertava todos os nervos de seu corpo. Não estava dormindo, agora raramente dormia à

noite, mas estava tranquilo, com os olhos pregados na abóbada celeste, entretido em seu debate habitual com Deus. O movimento de Rollo tinha posto fim a essa tranquilidade. Ele se sentou devagar e dependurou as pernas na lateral do tronco meio apodrecido, o coração batendo depressa agora.

O alerta de Rollo não havia se alterado, mas sua grande cabeça se moveu, acompanhando algo invisível. Era uma noite sem lua; Ian conseguia distinguir as débeis

silhuetas das árvores e as sombras moventes da noite, mas nada além disso.

Então os escutou. Ruídos de algo passando. A uma boa distância, mas cada vez mais próximos. Levantou-se e pisou de leve na poça negra debaixo de um abeto-balsâmico. A um estalo de sua língua, Rollo parou de rosnar e o seguiu, tão silencioso quanto o lobo que fora seu pai.

Do local de repouso de Ian dava para ver uma trilha de caça. Os homens que vinham por ela não

estavam caçando.

*Homens brancos.* Isso era estranho, e mais do que estranho. Ele não podia vê-los, mas nem precisava: os barulhos que faziam eram inconfundíveis. Índios não eram silenciosos quando viajavam, e muitos habitantes das Terras Altas entre os quais vivia eram capazes de se mover qual fantasmas na mata... mas ele não teve a menor dúvida. Metal, era isso. Estava ouvindo o chacoalhar de arreios, o estalo de botões e fivelas – e dos canos das

armas.

*Muitos.* Tão próximos que começou a sentir o cheiro deles. Inclinou-se um pouco para a frente, com os olhos fechados, para farejar melhor qualquer pista que conseguisse.

Eles levavam peles – nessa hora sentiu o cheiro de sangue seco e pelo frio que decerto havia acordado Rollo –, mas certamente não eram daqueles que capturavam animais com armadilhas, por serem numerosos demais. Caçadores



andavam sozinhos ou em duplas.

Homens pobres, sujos. Não preparavam armadilhas nem eram caçadores. Embora fosse fácil achar animais naquela estação, eles tinham cheiro de fome. E exalavam o suor da bebida de má qualidade.

Agora estavam perto, talvez a 3 metros de onde ele estava. Rollo emitiu um leve resfolego e Ian fechou novamente a mão no pescoço do animal, mas os homens faziam barulho demais para poderem ouvir. Contou os passos, as batidas dos

cantis e das caixas de munição, grunhidos de pés doloridos e suspiros de cansaço.

Vinte e três homens, calculou, e junto com eles uma mula... ou melhor, duas. Pôde ouvir o rangido de alforjes cheios e aquela respiração pesada e relutante de uma mula carregada, sempre a ponto de reclamar.

Os homens jamais teriam detectado os dois, mas algum capricho do vento levou o cheiro de Rollo até as mulas. Um relincho

ensurdecedor dominou a escuridão, e a floresta à sua frente explodiu numa algaravia de pancadas e gritos de surpresa. Ian já estava correndo quando tiros de pistola estouraram atrás dele.

– *A Dhia!*

Algo o atingiu na cabeça e ele caiu de bruços. Será que morreria?

Não. Rollo encostou um focinho úmido e preocupado em sua orelha. Sua cabeça zumbia feito uma colmeia, e ele via clarões brilhantes de luz diante dos olhos.

– *Corra! Ruith!* – disse ele, arquejante, empurrando o cachorro.  
– Corra para longe!

O cão hesitou e produziu um ganido bem no fundo da garganta. Ian não conseguiu ver, mas sentiu o corpanzil se projetar e se virar para trás, indeciso.

– *Ruith!*

Ficou de quatro para dar o exemplo e o cão por fim obedeceu e começou a correr como fora treinado.

Não havia tempo para ele

próprio correr, mesmo que tivesse conseguido ficar em pé. Ele caiu de bruços, enfiou as mãos e os pés bem fundo nas folhas bolorentas e se contorceu feito um louco para se enterrar ali.

Um pé lhe deu um pisão entre as escápulas, mas o ar que ele expeliu dos pulmões foi abafado pelas folhas úmidas. Com todo o barulho que estavam fazendo, isso não teve importância. Quem pisou nele nem percebeu; foi apenas de raspão e o homem passou por cima dele em

pânico, sem dúvida tomando-o por um tronco podre.

Os tiros cessaram. Os gritos não, mas ele não entendeu o que diziam. Sabia que estava deitado de cara no chão, sentindo a friagem úmida nas bochechas e o cheiro forte de folhas mortas no nariz, mas teve a sensação de estar muito bêbado e de que o mundo girava lentamente ao seu redor. Sua cabeça não doía muito após a primeira explosão de dor, mas ele não parecia capaz de levantá-la.

Pensou vagamente que, se morresse ali, ninguém saberia. Sua mãe acharia ruim não saber o que acontecera com o filho, pensou.

Os barulhos se fizeram mais débeis, mais ordenados. Alguém ainda berrava, mas a voz tinha um tom de comando. Eles estavam indo embora. Ocorreu-lhe de modo difuso que poderia chamá-los. Se soubessem que ele era branco, talvez o ajudassem. Ou talvez não.

Continuou calado. Se estivesse morrendo, não havia ajuda possível.

Se não estivesse, não precisava de nenhuma ajuda.

*Bom, eu pedi, afinal, não foi?*, pensou, retomando a conversa com Deus, tão calmo quanto se ainda estivesse deitado tranquilo no tronco do tulipeiro, com os olhos erguidos para a vastidão do firmamento lá em cima. *Um sinal, falei. Só não esperava que o Senhor fosse atender tão depressa.*



## CHALÉ HOLANDÊS

*Março de 1773*

Ninguém sabia que o chalé existia até Kenny Lindsay ver as chamas quando estava subindo o riacho.

– Eu não teria visto nada – disse ele, talvez pela sexta vez – não fosse o cair da noite. Se estivesse de dia

eu nunca teria sabido, nunca. – Correu uma das mãos trêmulas pelo rosto, sem conseguir desgrudar os olhos da fileira de cadáveres que jazia na orla da floresta. – Foram selvagens, *Mac Dubh*? Não tem ninguém escalpelado, mas talvez...

– Não. – Jamie tornou a pousar delicadamente o lenço sujo de fuligem sobre o rosto de olhos azuis vidrados de uma menina pequena. – Nenhum deles está ferido. Você deve ter visto isso quando os tirou de lá, não?

Lindsay fez que não com a cabeça, de olhos fechados, e foi percorrido por um estremecimento convulso. Era fim de tarde, um dia gelado de primavera, mas os homens todos suavam.

— Eu não olhei — disse ele apenas.

Minhas próprias mãos pareciam gelo, tão anestesiadas e insensíveis quanto a carne borrachuda da mulher morta que eu estava examinando. Fazia mais de um dia que eles tinham morrido; a rigidez cadavérica

já havia passado, deixando-os flácidos e gelados, mas o tempo frio da primavera na montanha os preservara até aquele momento das indignidades mais repulsivas da putrefação.

Mesmo assim, mantive a respiração curta; o cheiro de queimado deixava o ar amargoso. Filetes de vapor subiam de vez em quando da ruína carbonizada do pequeno chalé. Com o canto do olho, vi Roger chutar um pedaço de lenha ali perto, em seguida se curvar e

recolher algo do chão embaixo dele.

Kenny havia esmurrado nossa porta bem antes de o dia nascer, tirando-nos de camas quentinhas. Tínhamos vindo às pressas, embora soubéssemos que chegaríamos tarde para oferecer qualquer ajuda. Alguns dos arrendatários das fazendas da Cordilheira dos Frasers também tinham vindo; Evan, irmão de Kenny, estava em pé junto com Fergus e Ronnie Sinclair num pequeno grupo debaixo das árvores, conversando baixinho em gaélico.

– Sabe o que os matou, Sassenach? – De cócoras ao meu lado, Jamie tinha o semblante aflito. – Aqueles debaixo das árvores, quero dizer. – Ele meneou a cabeça para o cadáver na minha frente. – Eu sei o que matou essa pobre coitada.

A longa saia da mulher esvoaçou ao vento e levantou, deixando à mostra pés compridos e magros calçados com tamancos de couro. Um par de mãos compridas jazia inerte junto às laterais do corpo. Era uma mulher alta, embora não tanto

quanto Brianna, pensei, e olhei em volta automaticamente à procura dos cabelos brilhantes da minha filha, a mover-se por entre os galhos do outro lado da clareira.

Eu tinha suspendido o avental da mulher para lhe cobrir a cabeça e a parte superior do corpo. Suas mãos eram vermelhas, com os nós calejados pelo trabalho e as palmas grossas, mas pela firmeza das coxas e a esbeltez do corpo pensei que ela não devia ter mais de 30 anos... provavelmente bem menos. Ninguém

era capaz de dizer se tinha sido bonita.

O comentário de Jamie me fez balançar a cabeça.

– Não acho que ela tenha morrido por causa do incêndio – falei. – As pernas e os pés estão intactos, está vendo? Ela deve ter caído dentro da lareira. Os cabelos pegaram fogo, e o fogo se espalhou até os ombros do vestido. Ela deve ter caído perto o suficiente da parede ou da cobertura da chaminé para que as chamas os alcançassem,



e então o chalé inteiro pegou fogo.

Jamie aquiesceu devagar, com os olhos pregados na morta.

– É, faz sentido. Mas o que foi que os matou, Sassenach? Os outros estão um pouco chamuscados, mas ninguém está queimado desse jeito. Acho que já deviam estar mortos quando o chalé pegou fogo, pois nenhum deles saiu correndo. Será que foi uma doença mortal?

– Acho que não. Deixe-me olhar os outros de novo.

Percorri lentamente a fileira de

corpos imóveis, com seus rostos cobertos de tecido, e me abaixei junto a cada um deles para espiar outra vez por baixo das mortalhas improvisadas. Naqueles dias, sem antibióticos e sem a possibilidade de administrar fluidos a não ser pela boca ou pelo reto, muitas doenças podiam ser mortais, e um simples caso de diarreia podia matar em 24 horas.

Eu via essas coisas com frequência suficiente para reconhecê-las facilmente; qualquer

médico vê, e eu era médica havia mais de vinte anos. De vez em quando via coisas naquele século com as quais jamais havia me deparado no meu, em especial doenças parasitárias horríveis trazidas dos trópicos junto com o tráfico de escravos, mas não fora um parasita que causara o fim daquelas pobres almas, e nenhuma doença que eu conhecia deixava aqueles sinais nas vítimas.

Todos os corpos, a mulher queimada, uma outra bem mais velha

e três crianças, tinham sido encontrados dentro da casa em chamas. Kenny os havia tirado de lá pouco antes de o telhado ruir, e em seguida fora buscar ajuda a cavalo. Todos já estavam mortos antes de o incêndio começar; todos deviam ter morrido praticamente ao mesmo tempo, pois com certeza o fogo começara a arder pouco depois de a mulher cair morta na lareira, ou não?

As vítimas haviam sido dispostas de forma ordenada sob os galhos de um gigantesco espruce-

vermelho enquanto os homens começavam a cavar uma cova ali perto. Brianna estava postada junto à mais nova das meninas, de cabeça baixa. Fui me ajoelhar junto ao corpinho, e ela se ajoelhou em frente a mim.

– O que foi? – indagou, baixinho. – Veneno?

Ergui os olhos para ela, surpresa.

– Acho que sim. O que a fez pensar isso?

Ela meneou a cabeça para o

rosto matizado de azul na nossa frente. Havia tentado fechar os olhos da menina, mas estes se esbugalhavam para fora das órbitas, deixando a pequena com uma expressão de horror e espanto. Os traços pequeninos e duros estavam contorcidos num ríctus de agonia, e havia restos de vômito nos cantos da boca.

— Manual da escoteira — respondeu Brianna. Relanceou os olhos para os homens, mas ninguém estava perto o suficiente para

escutar. Sua boca tremeu e ela tirou os olhos do cadáver ao mesmo tempo que estendia a mão aberta. – *Nunca coma nenhum cogumelo estranho* – citou. – *Há muitas variedades venenosas, e distinguir uma da outra é trabalho para especialistas.* Roger encontrou estes brotando em disposição de anel perto daquele pedaço de madeira ali.

Copas úmidas e carnudas, de um marrom bem claro com pintas brancas parecendo verrugas, as

guelras abertas e talos finos tão claros que pareciam quase fosforescentes à sombra do espruce. Tinham um aspecto agradável, terroso, que desmentia seu caráter letal.

— Cogumelos-pantera — falei, meio para mim mesma, e recolhi um deles com cuidado da palma da mão de Brianna. — *Agaricus pantherinus*... ou pelo menos assim serão chamados quando alguém se der o trabalho de classificá-los. *Pantherinus* por matarem tão



depressa... como o ataque de um felino.

Pude ver o arrepio percorrer o antebraço de Brianna, eriçando os pelos macios e dourados com reflexos avermelhados. Ela virou a mão e largou no chão o resto dos fungos mortais.

– Quem, em sã consciência, iria comer cogumelos? – indagou ela, limpando a mão na saia com um leve calafrio.

– Gente que não sabia. Gente que estava com fome, talvez –

respondi baixinho.

Segurei a mão da menininha e apalpei os ossos delicados do antebraço. O ventre pequenino exibia sinais de inchaço, embora eu não soubesse dizer se era devido à desnutrição ou às mudanças ocorridas após a morte, mas as clavículas eram afiadas como as lâminas de uma foice. Todos os cadáveres eram magros, ainda que não chegassem a estar emaciados.

Ergui os olhos para as sombras azul-escuras lançadas pelo flanco da

montanha acima do chalé. Ainda estava cedo no ano para catar alimentos, mas havia comida de sobra na floresta... para quem soubesse reconhecer.

Jamie se aproximou, ajoelhou-se ao meu lado e, com suavidade, pousou sua mão enorme nas minhas costas. Apesar do frio, um filete de suor escorria por seu pescoço, e seus fartos cabelos ruivos estavam escurecidos nas têmporas.

– A cova está pronta – disse ele, baixinho, como para não alarmar a

criança. – Foi isso que matou a menina?

Ele indicou com a cabeça os cogumelos espalhados pelo chão.

– Acho que sim... e os outros também. Você olhou em volta? Alguém sabe quem eram eles?

Jamie fez que não com a cabeça.

– Não são ingleses, as roupas estão erradas. Alemães com certeza teriam ido para Salem, pois são almas clônicas, sem inclinação para se assentarem sozinhas. Talvez fossem holandeses. – Ele meneou a

cabeça em direção aos tamancos de madeira talhada nos pés da velha, rachados e manchados de tanto uso.

– Não sobrou nenhum livro nem nada escrito, se é que havia algo antes. Nada que possa revelar o nome deles. Mas...

– Não fazia muito tempo que estavam aqui.

Uma voz baixa e rouca me fez olhar para cima. Roger havia se aproximado; agachou-se junto a Brianna e meneou a cabeça em direção aos restos fumegantes do

chalé. Uma pequena horta havia sido demarcada na terra ali perto, mas as poucas plantas que nela despontavam não passavam de brotos, com as folhas tenras murchas e escurecidas pela geada tardia. Não havia barracões, nenhum sinal de animais, nenhuma mula ou porco.

– Emigrantes recém-chegados – continuou Roger baixinho. – Não eram escravos por dívida, isto aqui era uma família. Tampouco estavam acostumados com o trabalho ao ar livre: as mãos das mulheres têm

bolhas e cicatrizes recentes.

Sua mão larga esfregou de maneira distraída o joelho da calça de fabricação caseira. As palmas agora estavam tão uniformemente calejadas quanto as de Jamie, mas Roger costumava ser um acadêmico de pele fina; ainda recordava a dor de se acostumar à lida.

— Fico pensando se eles deixaram alguém para trás... na Europa — murmurou Brianna. Afastou os cabelos louros da testa da menina e tornou a pousar o lenço

sobre o rosto. Vi seu pescoço se mover quando ela engoliu em seco. – Eles nunca vão saber o que aconteceu.

– Não. – Jamie se levantou de chofre. – Dizem que Deus protege os tolos... mas acho que até mesmo o Todo-Poderoso perde a paciência de vez em quando. – Ele virou as costas e acenou para Lindsay e Sinclair. – Procurem o homem – falou para Lindsay.

Todas as cabeças se levantaram para encará-lo.



– O homem? – repetiu Roger, então lançou um olhar abrupto para os restos queimados do chalé e foi começando a entender. – É... quem construiu o chalé para eles?

– Podem ter sido as mulheres que construíram – disse Bree, empinando o queixo.

– Sim, *você* até poderia – disse Roger, e sua boca se retorceu de leve quando ele olhou de viés para a esposa.

Brianna tinha mais do que o colorido em comum com Jamie:

media 1,83 metro sem sapatos, e tinha a mesma força e os mesmos membros esguios do pai.

– Talvez pudessem ter sido elas, mas não foram – disse Jamie, sucinto, movendo a cabeça em direção aos escombros do chalé, onde algumas peças de mobília ainda conservavam seus formatos frágeis.

Enquanto eu olhava para lá, o vento da noite chegou e soprou sobre a ruína, e a sombra de um banquinho virou cinzas sem fazer

ruído, volutas de fuligem e carvão a se mover como fantasmas rente ao chão.

– Como assim?

Levantei-me, fui até o lado dele e olhei para dentro da casa também. Não restava praticamente nada lá dentro, embora o duto da chaminé ainda estivesse de pé e houvessem sobrado pedaços irregulares das paredes, as toras de madeira desabadas como num jogo de pega-varetas.

– Não há nada de metal – disse

ele, meneando a cabeça para a lareira empretecida onde jaziam os restos de um caldeirão rachado por causa do calor, seu conteúdo evaporado. – Nenhuma panela a não ser essa daí... e ela é pesada demais para ser transportada. Nenhuma ferramenta. Nem faca, nem machado... e dá para ver que quem construiu isto aqui tinha essas coisas.

Dava mesmo: as madeiras ainda tinham a casca, mas os entalhes e pontas exibiam as marcas nítidas de

um machado.

Franzindo o cenho, Roger catou um longo galho de pinheiro e começou a revirar as pilhas de cinzas e entulho à procura de algo que lhe desse certeza. Kenny Lindsay e Sinclair não se deram esse trabalho; Jamie tinha lhes dito para procurar um homem, e eles partiram sem demora para obedecer à ordem, desaparecendo mata adentro. Fergus fora com eles; Evan Lindsay, seu irmão Murdo e os McGillivrays deram início à tarefa de catar pedras

para um monumento funerário.

– Se havia *mesmo* um homem... será que ele as abandonou? – murmurou Brianna para mim, alternando o olhar entre o pai e a fileira de corpos. – Será que essa mulher pensou que eles não iriam sobreviver sozinhos?

E, portanto, tirara a própria vida, e a dos filhos, para evitar uma morte lenta de frio e de fome?

– Deixá-las aqui e levar todas as ferramentas? Meu Deus, espero que não. – Ao pensar nisso, fiz o sinal da

cruz, embora o fizesse sem muita convicção. – Elas não teriam saído daqui e procurado ajuda? Mesmo com crianças... a neve já derreteu quase toda.

Somente os mais altos desfiladeiros de montanha continuavam cobertos de neve, e embora as trilhas e encostas estivessem molhadas e enlameadas por causa da neve derretida, fazia pelo menos um mês que se podia percorrê-las.

– Achei o homem – disse Roger,

interrompendo meus pensamentos. Ele falou com uma voz muito calma, mas parou para limpar a garganta com um pigarro. – Logo... logo ali.

O dia começava a escurecer, mas pude ver que Roger havia empalidecido. Não era de espantar: a forma encolhida que Roger havia desencavado de baixo das madeiras carbonizadas de uma parede em ruínas era medonha o bastante para fazer qualquer um se impressionar. Consumida pelo fogo até ficar inteiramente negra, com as mãos



erguidas na postura de boxeador tão comum nas pessoas mortas pelo fogo, era difícil até ter certeza de que se tratava *mesmo* de um homem... embora eu tenha achado que sim, pelo que pude ver.

Qualquer especulação relativa a esse novo cadáver foi interrompida por um grito da orla da floresta:

– Nós os encontramos, milorde!

Todos ergueram os olhos que contemplavam o novo cadáver e viram Fergus acenando da beira da mata.

Eram dois homens dessa vez. Esparramados no chão à sombra das árvores, encontrados não juntos, mas não muito distantes um do outro, apenas a uma curta distância da casa. E ambos, até onde eu podia constatar, decerto mortos após consumirem cogumelos venenosos.

– *Este aqui* não é nenhum holandês – disse Sinclair pelo que devia ser a quarta vez, balançando a cabeça acima de um dos corpos.

– Talvez seja – falou Fergus, em tom de dúvida. Coçou o nariz com a

ponta do gancho que usava no lugar da mão esquerda. – Das Índias, *non?*

Um dos corpos desconhecidos era de fato o de um homem negro. O outro era branco, e ambos vestiam roupas sem qualquer característica especial, de fabricação caseira, camisas e calças; apesar do frio, não usavam casaco. E estavam os dois descalços.

– Não. – Jamie balançou a cabeça enquanto esfregava uma das mãos distraidamente na calça, como para se livrar do contato dos mortos.

– É, os holandeses têm escravos em Barbuda... mas estes aqui estão mais bem alimentados do que o pessoal do chalé. – Ele empinou o queixo em direção à fileira silenciosa de mulheres e crianças. – Estes homens não moravam aqui. Além do mais... – Vi seus olhos se fixarem nos pés dos mortos.

Os pés estavam encardidos na altura dos tornozelos e muito calejados, mas basicamente limpos. As solas do negro tinham um cor-de-rosa amarelado, sem marcas de lama

ou folhas soltas presas entre os dedos. Aqueles homens não haviam caminhado descalços pela floresta lamacenta, isso era certo.

– Então talvez houvesse mais homens? E quando estes daqui morreram, os companheiros tiraram seus sapatos, e qualquer outra coisa de valor... – acrescentou Fergus, prático, gesticulando do chalé queimado para os corpos descalços. – ... e fugiram.

– É, pode ser.

Jamie franziu os lábios e seu

olhar se moveu devagar pela terra do quintal... mas o chão estava revirado por vários passos, com tufos de grama soltos e inteiramente cobertos por uma fina camada de cinzas e pedaços de madeira carbonizada. O lugar parecia ter sido devastado por uma manada de hipopótamos.

— Queria que o Jovem Ian estivesse aqui. Ele é o melhor dos rastreadores; talvez pelo menos pudesse nos dizer o que aconteceu. — Indicou com a cabeça a mata onde

os homens tinham sido encontrados.  
— Quantos homens eram, quem sabe,  
e para onde foram.

O próprio Jamie não era um mau rastreador. Mas a luz agora esmaecia depressa; mesmo na clareira onde ficava o chalé incendiado, a escuridão já se adensava, empoçando debaixo das árvores e escorrendo feito óleo pela terra revirada.

Seus olhos miraram o horizonte, onde nuvens esgarçadas começavam a luzir, douradas e cor-de-rosa, à

medida que o sol se punha atrás delas, e ele balançou a cabeça.

– Enterrem-nos. Depois vamos embora.

Restava ainda uma descoberta sinistra. O homem queimado era o único entre os mortos a não ter morrido nem pelo fogo, nem por veneno. Quando eles levantaram o cadáver carbonizado das cinzas para levá-lo até a cova, algo se soltou do corpo e aterrissou no chão com um ruído breve e pesado. Brianna recolheu o objeto e o esfregou com o



canto do avental.

– Acho que eles não viram isto daqui – falou, um pouco desanimada, estendendo-o.

Era uma faca. O cabo de madeira havia sido consumido por completo e a lâmina estava deformada por causa do calor.

Fazendo força para suportar o fedor espesso e acre de gordura e carne queimadas, curvei-me acima do cadáver e examinei com cuidado o tronco. O fogo destrói muita coisa, mas preserva as mais estranhas. O

ferimento triangular estava bem visível, chamuscado na depressão abaixo das costelas.

– Ele levou uma facada – falei, e limpei as mãos suadas em meu avental.

– Eles o mataram – disse Bree, me encarando. – Depois a esposa... – Ela olhou de relance para a jovem caída no chão, com o avental a lhe cobrir a cabeça. – Ela fez um guisado com os cogumelos, e todos comeram. As crianças também.

Tirando o canto distante dos

pássaros na montanha, a clareira estava silenciosa. Eu podia escutar meu coração batendo dolorosamente dentro do peito. Teria sido vingança? Ou apenas desespero?

– É, pode ser – disse Jamie baixinho. Abaixou-se para segurar uma das pontas da lona sobre a qual eles haviam deitado o morto. – Nós vamos chamar de acidente.

O holandês e sua família foram postos numa cova, os dois desconhecidos na outra.

Um vento frio tinha se erguido

depois de o sol se pôr; o avental foi soprado para longe do rosto da mulher quando eles a levantaram. Sinclair soltou um grito engasgado de choque e quase a deixou cair.

Ela não tinha mais rosto nem cabelos, a cintura fina se estreitava de maneira abrupta numa ruína carbonizada. A carne da cabeça fora consumida por completo, deixando um crânio estranhamente pequenino e enegrecido, onde os dentes se arreganhavam com uma leveza desconcertante.

Eles a baixaram apressadamente para dentro da cova rasa, com os filhos e a mãe ao seu lado, e Brianna e eu fomos encarregados de construir um monumento de pedras sobre o túmulo – segundo o antigo costume escocês, para marcar o lugar e proporcionar proteção contra os animais selvagens – enquanto um local de descanso mais rudimentar era escavado para os dois homens descalços.

Com o trabalho enfim concluído, todos se reuniram, pálidos e

calados, ao redor dos montinhos recém-feitos. Vi Roger se postar bem ao lado de Brianna, com o braço passado de modo protetor ao redor de sua cintura. Um leve calafrio a percorreu, e senti que não tinha nada a ver com o frio. O filho do casal, Jemmy, era cerca de um ano mais novo do que a menor das meninas.

– Pode dizer algumas palavras, *Mac Dubh*?

Kenny Lindsay olhou para Jamie com uma expressão interrogativa ao

mesmo tempo que puxava o gorro de tricô para proteger as orelhas do frio que se intensificava.

A noite estava quase caindo, e ninguém queria se demorar ali. Teríamos de montar acampamento em algum lugar bem longe do fedor do incêndio, e isso já seria difícil o suficiente no escuro. Mas Kenny tinha razão: não podíamos ir embora sem pelo menos um arremedo de cerimônia, alguma despedida para aqueles desconhecidos.

Jamie fez que não com a cabeça.

– Não, deixe Roger Mac falar. Se essa gente era holandesa, provavelmente devia ser protestante.

Apesar da luz mortiça, vi o olhar incisivo que Brianna lançou para o pai. De fato, Roger era presbiteriano; Tom Christie também, um homem bem mais velho cujo semblante azedo refletia sua opinião em relação àqueles procedimentos. Mas a questão religiosa não passava de um pretexto, e todos sabiam disso, inclusive Roger.

Roger limpou a garganta com um



pigarro que lembrou um tecido se rasgando. Aquele era sempre um barulho dolorido. Nesse dia, havia raiva nele também. Mas Roger não protestou, e encarou Jamie ao ocupar seu lugar na cabeceira do túmulo.

Pensei que ele fosse simplesmente rezar o pai-nosso, ou quem sabe um dos salmos mais brandos. Mas foram outras palavras que lhe ocorreram.

– *Se grito: É injustiça!, não obtenho resposta; clamo por*

*socorro, todavia não há justiça. Ele bloqueou o meu caminho, e não consigo passar; cobriu de trevas as minhas veredas.*

Sua voz já tinha sido potente e bela. Agora estava engasgada, e não passava de um arremedo rascante da beleza antiga; mas havia poder suficiente na paixão com a qual ele falava para fazer todos que escutavam baixarem a cabeça, com o rosto perdido nas sombras.

*– Despiu-me da minha honra e tirou a coroa de minha cabeça. Ele*

*me arrasa por todos os lados, enquanto eu não me vou; desarraiga a minha esperança como se arranca uma planta.*

Embora sua expressão se mantivesse firme, seus olhos pousaram por um desolador instante no toco carbonizado que servira à família holandesa como base para cortar lenha.

*– Ele afastou de mim os meus irmãos; até os meus conhecidos estão longe de mim. Os meus parentes me abandonaram e os*

*meus amigos esqueceram-se de mim.*

Vi os três Lindsays se entreolharem e todos chegaram mais perto uns dos outros, para se proteger do vento que ganhava força.

– *Misericórdia, meus amigos! Misericórdia!* – exclamou Roger, então sua voz se abrandou, fazendo com que fosse difícil escutá-lo com o farfalhar das árvores: – *Pois a mão de Deus me feriu.*

Brianna fez um leve movimento ao seu lado e ele tornou a pigarrear,

de modo explosivo, esticando o pescoço de forma que pude entrever a cicatriz saltada que o marcava.

– *Quem dera as minhas palavras fossem registradas! Quem dera fossem escritas num livro, fossem talhadas a ferro no chumbo, ou gravadas para sempre na rocha!*

Ele correu os olhos lentamente de um rosto a outro, mantendo o semblante inexpressivo, em seguida inspirou fundo para prosseguir, e sua voz se embargou com as palavras:

– *Eu sei que o meu Redentor*

*vive, e que no fim se levantará sobre a terra. E depois que o meu corpo estiver destruído e sem carne... – Brianna estremeceu convulsivamente e desviou os olhos do monte de terra recente. – ... verei a Deus. Eu o verei, com os meus próprios olhos; eu mesmo, e não outro!*

Roger se calou e ouviu-se um breve suspiro coletivo quando todos soltaram a respiração contida. Mas ele ainda não havia terminado. Estendera a mão,

semiconscientemente, para segurar a de Bree, que apertou com força. Disse as últimas palavras quase para si mesmo, pensei, pouco se importando com quem escutava:

*– Temam a espada, porquanto por meio dela a ira lhes trará castigo, e então vocês saberão que há julgamento.*

Estremeci, e a mão de Jamie se fechou em volta da minha, fria porém forte. Ele baixou os olhos para mim e eu o encarei. Sabia o que ele estava pensando.

Estava pensando, assim como eu, não no presente, mas no futuro. Em uma breve nota a ser publicada dali a três anos nas páginas do *Wilmington Gazette*, datada de 13 de fevereiro de 1776:

*É com pesar que recebemos a notícia da morte por fogo de James MacKenzie Fraser e de sua esposa, Claire Fraser, numa conflagração que destruiu sua casa no*



*assentamento da  
Cordilheira dos Frasers,  
na noite de 21 de janeiro  
último. O sr. Fraser,  
sobrinho do falecido  
Hector Cameron da  
Fazenda de River Run,  
nasceu em Broch  
Tuarach, na Escócia. Era  
bastante conhecido na  
Colônia e profundamente  
respeitado; não deixa  
filhos vivos.*

Até então fora fácil não dar muita importância a isso. Tão distante no futuro, e com certeza não um futuro imutável... afinal, quem está avisado se prepara... ou não?

Olhei de relance para o monumento de pedras raso e um calafrio mais profundo me percorreu. Dei um passo mais para perto de Jamie e pousei a outra mão em seu braço. Ele cobriu minha mão com a sua e apertou forte para me reconfortar. Não, falou para mim em silêncio. Não, eu não vou deixar

isso acontecer.

Quando saímos da clareira desolada, porém, não consegui apagar da mente uma imagem vívida. Não a do chalé incendiado, dos pobres cadáveres, da horta ressequida e mirrada. A imagem que me assombrou foi uma que eu vira alguns anos antes: a de uma lápide nas ruínas do Priorado de Beaulieu, bem no alto das Terras Altas escocesas.

Era a sepultura de uma nobre dama, cujo nome estava encimado

pelo entalhe de uma caveira sorridente... muito parecida com a que havia sob o avental da holandesa. Abaixo da caveira estava gravado o seu lema:

*Hodie mihi cras tibi – sic  
transit gloria mundi.*

*Hoje a minha vez –  
amanhã a sua. Assim  
passa a glória do mundo.*

## MANTENHA OS AMIGOS SEMPRE PERTO

Retornamos à Cordilheira dos Frasers pouco antes do pôr do sol do dia seguinte e demos com uma visita à nossa espera: o major Donald MacDonald, ex-integrante do exército de Sua Majestade, e

mais recentemente da guarda pessoal de cavalaria leve do governador Tyron, estava sentado nos degraus do alpendre em frente à casa, com meu gato no colo e um jarro de cerveja a seu lado.

— Sra. Fraser! Seu criado, senhora — disse ele, cordial, ao me ver chegar.

Tentou se levantar, mas então soltou um arquejo quando Adso, em protesto contra a perda de seu ninho aconchegante, cravou as unhas em suas coxas.

– Pode ficar sentado, major – falei, acenando sem demora para ele se sentar novamente.

Ele obedeceu com uma careta, mas com nobreza se conteve para não jogar Adso longe no meio dos arbustos. Subi no degrau ao seu lado e me sentei, suspirando de alívio.

– Meu marido está só cuidando dos cavalos, vai descer em seguida. Vejo que alguém já o acolheu?

Meneei a cabeça para a cerveja, que ele prontamente me ofereceu com um gesto cortês, limpando o

bico do jarro na manga.

– Ah, sim, senhora – garantiu-me. – A sra. Bug cuidou com esmero do meu bem-estar.

Para não parecer inamistosa, aceitei a cerveja, que por sinal caiu muito bem. Jamie ficara ansioso para voltar e estávamos em cima da sela desde a aurora, com apenas uma breve parada para comer e beber ao meio-dia.

– Excelente bebida – comentou o major, sorrindo ao me ver suspirar após engolir e semicerrar os olhos.



– De sua própria lavra, talvez?

Fiz que não com a cabeça e tomei outro gole antes de lhe devolver o jarro.

– Não, da lavra de Lizzie. Lizzie Wemyss.

– Ah, sua serva; sim, claro. Pode lhe transmitir meus cumprimentos?

– Ela não está aqui?

Um tanto surpresa, olhei para a porta aberta atrás dele. Àquela hora do dia, imaginava que Lizzie fosse estar na cozinha, preparando o jantar, mas ela com certeza teria nos

escutado chegar e saído. Foi então que percebi que não era possível sentir cheiro de comida. Ela não poderia saber a que horas nos esperar, é claro, mas...

– Humm, não. Ela está... – O major uniu as sobrancelhas no esforço de se lembrar, e me perguntei quão cheio devia estar o jarro antes de ele começar a beber; agora restavam apenas uns 5 centímetros. – Ah, sim. A sra. Bug disse que ia à casa dos McGillivrays com o pai. Visitar o

noivo, creio eu?

– Sim, ela está noiva de Manfred McGillivray. Mas a sra. Bug...

– ... está na despensa externa – disse ele, meneando a cabeça morro acima em direção ao pequeno barracão. – Alguma coisa a ver com o queijo, acredito que tenha dito. Uma omelete foi-me graciosamente oferecida como jantar.

– Ah...

Relaxeí mais um pouco, sentindo a poeira da viagem assentar junto com a cerveja. Era maravilhoso

chegar em casa, embora minha sensação de paz estivesse perturbada, maculada pela lembrança do chalé incendiado.

Imaginei que a sra. Bug tivesse contado ao major sobre a nossa empreitada, mas ele não fez qualquer menção ao assunto, nem ao que o tinha levado até a Cordilheira. Era natural que não: qualquer assunto importante aguardaria Jamie, como era apropriado. Por ser do sexo feminino, eu tinha direito, enquanto isso, a uma cortesia

impecável e a pequenos bocados de amenidades.

Eu sabia falar de amenidades, mas precisava estar preparada; não era um talento natural.

– Ah... Suas relações com meu gato parecem ter melhorado um pouco – arrisquei.

Relanceei os olhos involuntariamente para a cabeça do major, mas sua peruca havia sido consertada com perícia.

– Trata-se de um princípio aceito da política, creio eu – disse

ele, correndo os dedos pela espessa pelagem prateada do ventre de Adso. – Mantenha os amigos sempre perto... mas os inimigos mais perto ainda.

– Muito sensato – comentei, com um sorriso. – Ahn... espero que o senhor não tenha esperado muito.

Ele deu de ombros, indicando que qualquer espera era irrelevante, o que de fato era verdade. As montanhas tinham um tempo próprio, e um homem sábio não tentava apressá-las. MacDonald era um

soldado experiente, viajado... mas tinha nascido em Pitlochry, perto o suficiente dos cumes das Terras Altas para conhecer seus costumes.

– Cheguei hoje de manhã – disse ele. – De New Bern.

Pequenos sinos de alarme dispararam dentro da minha cabeça. Ele devia ter levado uns bons dez dias para vir de New Bern, se tivesse vindo direto... e a condição de seu uniforme amarrotado e sujo de lama sugeria ser esse o caso.

New Bern era onde havia fixado

residência o novo governador real da colônia, Josiah Martin. E o fato de MacDonald ter dito “de New Bern”, em vez de qualquer outra parada posterior na viagem, tornava razoavelmente evidente para mim que o motivo de sua visita, fosse ele qual fosse, havia se originado *em* New Bern. Eu desconfiava de governadores.

Olhei para o caminho que conduzia ao barracão, mas Jamie ainda não tinha aparecido. A sra. Bug, sim: estava justamente saindo



da despesa externa. Dei-lhe um aceno, e ela gesticulou entusiasmada para mim em sinal de boas-vindas, embora estivesse carregada com uma vasilha de leite numa das mãos, um balde de ovos na outra, um pote de manteiga sob um dos braços e um grande naco de queijo bem preso sob o queixo. Efetuou com sucesso a descida íngreme e desapareceu atrás da casa, na direção da cozinha.

— Pelo visto todo mundo vai comer omelete — observei, virando-me de volta para o major. — O

senhor por acaso passou por Cross Creek?

– Passei, sim, senhora. A tia do seu marido lhe mandou lembranças afetuosas... bem como vários livros e jornais, que eu trouxe comigo.

Ultimamente eu também andava desconfiada dos jornais, muito embora os acontecimentos por eles relatados sem dúvida houvessem ocorrido várias semanas antes, quando não meses. Apesar disso, emiti ruídos de aprovação, desejando que Jamie se apressasse

para poder pedir licença. Meus cabelos estavam com cheiro de queimado e minhas mãos ainda recordavam o contato da pele fria; eu queria muito me limpar.

– Desculpe, como disse?

Eu tinha deixado escapar alguma coisa que MacDonald estava dizendo. Ele se curvou educadamente mais para perto de modo a repetir, então deu um tranco repentino e esbugalhou os olhos.

– Maldito gato!

Adso, que vinha fazendo uma

esplêndida imitação de um pano de prato inerte, havia se levantado feito um raio no colo do major, com os olhos acesos e o rabo todo eriçado, e silvava feito uma chaleira ao mesmo tempo que cravava as unhas nas pernas do major. Não tive tempo de reagir antes de ele pular por cima do ombro de MacDonald e desaparecer pela janela aberta do consultório mais atrás, rasgando o rufo da gola do major e deixando sua peruca torta ao passar.

MacDonald não parava de

praguejar, mas eu não tinha atenção de sobra para lhe dedicar. Rollo vinha subindo a trilha em direção à casa, lupino e sinistro sob a luz do crepúsculo, mas agindo de um modo tão estranho que eu já estava levantada antes mesmo de qualquer pensamento consciente poder me colocar de pé.

O cão corria alguns passos em direção à casa, dava uma ou duas voltas em torno de si mesmo como se não conseguisse decidir o que fazer em seguida, então tornava a

entrar correndo na mata, virava-se, e voltava a correr em direção à casa, tudo isso ganhando de agitação, com o rabo encolhido e oscilante.

– Ai, Jesus H. Roosevelt Cristo!

– exclamei. – Alguma coisa aconteceu!

Desci voando os degraus e corri em direção à trilha, mal tomando conhecimento da exclamação de surpresa do major atrás de mim.

Encontrei Ian algumas centenas de metros mais adiante, consciente, mas atordoado. Sentado no chão de

olhos fechados, ele segurava a cabeça com as duas mãos para impedir que os ossos do crânio desmontassem. Abriu os olhos, e quando caí de joelhos ao seu lado me deu um sorriso desfocado.

– Tia – falou, rouco.

Parecia querer dizer mais alguma coisa, mas não conseguiu decidir o quê; sua boca se abriu, mas então simplesmente ficou assim, com a língua a se mover de um lado para o outro de modo pensativo.

– Ian, olhe para mim – falei, com

a maior calma possível.

Ele assim o fez... um bom sinal. Estava escuro demais para ver se suas pupilas estavam dilatadas, mas mesmo à sombra crepuscular dos pinheiros que margeavam a trilha pude perceber a palidez do seu rosto e o rastro escuro das manchas de sangue em sua camisa.

Passos apressados vieram pela trilha atrás de mim: Jamie, seguido de perto por MacDonald.

– Como você está, rapaz?

Jamie o segurou pelo braço e Ian



cambaleou muito suavemente na sua direção, então baixou as mãos, fechou os olhos e relaxou nos braços dele com um suspiro.

– Ele está mal? – indagou Jamie com ansiedade por cima do ombro de Ian, segurando-o enquanto eu o examinava em busca de ferimentos.

A parte de trás de sua camisa estava saturada de sangue... mas *seco*. Os cabelos da nuca também estavam endurecidos de sangue, e não demorei a encontrar o machucado na cabeça.

– Acho que não. Alguma coisa o acertou com força na cabeça e tirou uma lasca do couro cabeludo, mas...

– Um tacape, você acha?

MacDonald se inclinou acima de nós, interessado.

– Não – respondeu Ian, grogue, com o rosto encostado na camisa de Jamie. – Uma bala.

– Saia, cachorro – disse Jamie rapidamente para Rollo, que tinha enfiado o nariz na orelha de Ian, provocando uma exclamação abafada do paciente e um levantar

involuntário de seus ombros.

– Vou dar uma olhada no claro, mas talvez não seja nada tão ruim – falei, observando a cena. – Afinal, ele caminhou um pouco. Vamos levá-lo até a casa.

Os homens o ampararam trilha acima, com os braços de Ian sobre seus ombros, e em poucos minutos o haviam deitado de bruços sobre a mesa do meu consultório. Ali ele nos contou a história de suas aventuras, num discurso desconexo pontuado por pequenos ganidos

enquanto eu limpava a ferida, cortava chumaços de cabelo com sangue coagulado e dava cinco ou seis pontos no seu couro cabeludo.

– Pensei que estivesse morto – disse Ian, e sorveu o ar por entre os dentes enquanto eu costurava as bordas do ferimento com o fio áspero. – Meu Deus, tia Claire! Só que de manhã acordei, e no fim das contas não estava morto... embora tenha pensado que minha cabeça estivesse aberta e meus miolos escorrendo pelos ombros.

– Foi por pouco – murmurei, concentrando-me no trabalho. – Mas eu não acho que tenha sido uma bala.

Isso chamou a atenção de todos.

– Eu não levei um tiro?

A voz de Ian soou levemente indignada. Uma de suas mãos grandes se ergueu e começou a se mover em direção à parte de trás da cabeça, mas eu a afastei com um tapa leve.

– Fique quieto. Não, você não levou um tiro, não que isso adiante muito. A ferida tinha bastante

sujeira, além de lascas de madeira e casca de árvore. Se fosse para dar um palpite, eu diria que um dos tiros derrubou o galho de uma árvore, e você foi atingido na cabeça quando o galho caiu.

— Tem certeza de que não foi um tacape?

O major também parecia decepcionado.

Dei o último nó e cortei o fio, fazendo que não com a cabeça.

— Acho que nunca vi um ferimento de tacape, mas suponho

que não seja o caso. Vê as bordas irregulares? E o couro cabeludo está bem dilacerado, mas não creio que o osso esteja fraturado.

– Segundo o rapaz, estava escuro como breu – argumentou Jamie, coerente. – Nenhuma pessoa sensata iria lançar um tacape numa floresta escura em algo que não conseguisse ver. – Ele estava segurando o lampião a álcool para eu poder trabalhar; aproximou-o um pouco mais, de modo que pudéssemos ver não apenas a fileira irregular de

pontos, mas também o hematoma que se espalhava em volta, revelado pelos cabelos que eu havia cortado. – É, está vendo? – Jamie afastou delicadamente com os dedos os últimos fios de cabelo, e correu-os por sobre vários arranhões fundos que riscavam a área machucada. – Sua tia tem razão, Ian; você foi atacado por uma árvore.

Ian entreabriu um dos olhos.

– Alguém já lhe disse como o senhor é engraçado, tio Jamie?

– Não.



Ian fechou o olho.

– Que bom, porque o senhor não é.

Jamie sorriu e apertou o ombro do sobrinho.

– Quer dizer que está se sentindo um pouco melhor?

– Não.

– É, bom, o fato é que o rapaz topou com algum tipo de *banditti*, não é mesmo? – interrompeu o major MacDonald. – Tem motivo para pensar que pudessem ser índios?

– Não – tornou a dizer Ian, mas

dessa vez abriu por completo o olho. Estava vermelho. – Não eram índios.

MacDonald pareceu não gostar da resposta.

– Como pode ter certeza, rapaz? – indagou ele, um tanto ríspido. – Se estava escuro como você diz...

Vi Jamie olhar de relance para o major com um ar intrigado, mas ele não o interrompeu. Ian gemeu um pouco, em seguida suspirou:

– Senti o cheiro deles – falou. – Acho que vou vomitar –

acrescentou, quase em seguida.

Erguendo-se num dos cotovelos, ele prontamente fez o que dizia. Isso inibiu de modo eficaz qualquer outra pergunta, e Jamie conduziu o major MacDonald em direção à cozinha, deixando-me encarregada de limpar Ian e acomodá-lo do modo mais confortável possível.

– Consegue abrir os dois olhos?  
– indaguei, depois de limpá-lo e colocá-lo descansando de lado, com um travesseiro sob a cabeça.

Ele os abriu, e a luz o fez piscar.

A pequenina chama azul do lampião a álcool se refletiu duplamente na escuridão de seus olhos, mas as pupilas encolheram na hora... e ao mesmo tempo.

– Ótimo – declarei, e pousei o lampião sobre a mesa. – Deixe isso, cachorro – falei para Rollo, que farejava o cheiro estranho do lampião abastecido por uma mistura de conhaque de má qualidade e terebintina. – Ian, segure meus dedos.

Estendi os indicadores e ele

lentamente fechou uma das mãos grandes e ossudas em volta de cada um. Fiz nele a bateria de exames para verificar danos cerebrais, mandando-o apertar, puxar, empurrar, e concluí escutando o coração, que batia com uma regularidade tranquilizadora.

– Uma leve concussão – anunciei, endireitando-me e abrindo-lhe um sorriso.

– Ah, é? – fez ele, estreitando os olhos para mim.

– Quer dizer que a sua cabeça

está doendo e você está enjoado. Vai se sentir melhor daqui a uns dias.

– Isso eu também poderia ter lido – resmungou ele, tornando a se recostar.

– É, poderia – concordei. – Mas “concussão” soa bem mais importante do que “cabeça quebrada”, não é?

Ele não riu, mas reagiu com um débil sorriso.

– Tia, a senhora pode dar comida a Rollo? Ele não quis me deixar no caminho; deve estar com

fome.

O cão empertigou as orelhas ao escutar o próprio nome e enfiou o focinho na mão esticada de Ian, ganindo de leve.

– Ele está bem – falei para o cachorro. – Não se preocupe. E sim – continuei, dirigindo-me a Ian –, vou trazer alguma coisa. E você, acha que conseguiria comer um pouco de pão com leite?

– Não – respondeu ele, categórico. – Uma dose de uísque, quem sabe?

– Não – repeti, no mesmo tom categórico, e soprei o lampião.

– Tia – chamou Ian quando eu estava me virando para a porta.

– Sim?

Eu havia deixado uma única vela para lhe servir de iluminação, e à luz amarela bruxuleante ele pareceu muito jovem e muito pálido.

– Por que a senhora acha que o major MacDonald quer que os homens que eu encontrei na floresta sejam índios?

– Não sei. Mas imagino que



Jamie saiba. Ou que, a esta altura, já tenha descoberto.

## SERPENTE NO ÉDEN

Brianna abriu a porta de seu chalé com um empurrão, atenta ao tamborilar de pés de roedor ou ao sussurro seco de escamas sobre o piso. Uma vez tinha entrado no escuro e pisado a poucos centímetros de uma pequena

cascavel; embora o réptil tivesse se assustado tanto quanto ela e saído rastejando feito louco por entre as pedras da lareira, aprendera a lição.

Dessa vez não houve ruído de camundongos ou ratos-do-mato em fuga, mas alguma coisa maior tinha estado ali e ido embora, abrindo caminho pela pele pregada em frente à janela. O sol se punha, mas restava luz do dia suficiente para que ela visse o cesto de grama trançada, no qual guardava amendoins torrados, derrubado de sua prateleira com as

cascas todas espalhadas pelo chão.

Um farfalhar alto a fez congelar por um instante e apurar os ouvidos. O ruído soou outra vez, seguido por um forte clangor quando algo caiu no chão do outro lado da parede dos fundos.

– Seu *pestinha!* – exclamou ela.

– Você está dentro da minha despensa!

Tomada por uma indignação justificada, ela empunhou a vassoura e partiu para dentro do anexo com um grito de diaba. Um imenso

guaxinim que mastigava tranquilamente uma truta defumada largou o petisco ao vê-la, escapuliu por entre suas pernas e saiu correndo feito um banqueiro gordo que tenta escapar dos credores, emitindo trinados bem altos de alarme.

Com os nervos pulsando de tanta adrenalina, ela pousou a vassoura e se abaixou para salvar o que conseguia no meio da bagunça, praguejando entre os dentes. Apesar de serem menos destruidores do que

esquilos, que conseguiam mastigar e despedaçar com desastroso abandono, guaxinins tinham um apetite bem mais voraz.

Só Deus sabia quanto tempo ele havia passado ali dentro, pensou. Tempo suficiente para lamber toda a manteiga do molde, derrubar um fardo de peixe defumado das vigas... mas como um bicho tão gordo havia conseguido o feito acrobático que isso exigia? Por sorte, o favo de mel ficava guardado em três vidros separados, e apenas um fora

conspurcado. Os legumes de raiz, porém, tinham sido jogados no chão, um queijo fresco quase todo devorado e o precioso jarro de xarope de bordo derrubado, fazendo uma poça pegajosa encharcar a terra batida. A visão de toda essa perda fez sua raiva brotar outra vez, e ela apertou com tanta força a batata que acabara de catar do chão que suas unhas penetraram a casca.

— Maldito, maldito, bicho horrível!

— Quem? — perguntou uma voz

atrás dela.

Assustada, ela girou nos calcanhares e atirou a batata no intruso, que se revelou ser Roger. O tubérculo o acertou em cheio na testa, e ele cambaleou e se segurou no batente da porta.

– Ai! Meu Deus! Ai! Que diabo está acontecendo aqui?

– Um guaxinim – respondeu ela, sucinta, e deu um passo para trás, deixando a luz cada vez mais fraca da porta iluminar o estrago.

– Ele pegou o xarope de bordo?



Safado! Conseguiu pegar o maldito?

Com a mão pressionada na testa, Roger se abaixou para entrar no anexo da despensa e olhou em volta à procura de formas peludas.

Ver que o marido compartilhava tanto as suas prioridades quanto a sua indignação foi algo que de certa forma tranquilizou Brianna.

– Não – respondeu ela. – Ele fugiu. Você está sangrando? E onde está Jem?

– Acho que não – respondeu Roger, tirando a mão da testa com

cuidado e a examinando. – Ai! Que braço esse seu, menina. Jem está na casa dos McGillivrays. Lizzie e o sr. Wemyss o levaram para comemorar o noivado de Senga.

– É mesmo? E quem ela escolheu?

Tanto a indignação quanto o remorso foram consumidos na mesma hora pelo interesse. Ute McGillivray, com uma eficiência alemã, havia selecionado parceiros para o filho e as três filhas segundo seus próprios critérios: terras,

dinheiro e respeitabilidade sendo os itens mais importantes, enquanto idade, aparência e charme ficavam bem no final da lista. Como não era de espantar, seus filhos pensavam diferente, mas a força da personalidade de Frau Ute era tamanha que tanto Inga quanto Hilda haviam desposado homens aprovados pela mãe.

Senga, porém, era a cópia da mãe. Tinha opiniões igualmente fortes e uma falta de inibição semelhante na hora de expressá-las.

Havia passado meses hesitando entre dois pretendentes: Heinrich Strasse, rapaz atraente, porém pobre e ainda por cima luterano, originário de Betânia, e Ronnie Sinclair, o tanoeiro, abastado pelos padrões da Cordilheira e de Ute – tinha trinta anos a mais do que Senga, o que não era nenhum obstáculo.

A questão do casamento de Senga McGillivray era tema de intensa especulação na Cordilheira havia muitos meses, e Brianna sabia de várias apostas nos diversos

desfechos possíveis.

– Quem é o sortudo, afinal? – repetiu ela.

– A sra. Bug não sabe, o que a está deixando louca – respondeu Roger, abrindo um sorriso. – Manfred McGillivray veio buscá-los ontem de manhã, mas a sra. Bug ainda não voltou da Casa Grande, então Lizzie deixou um bilhete pregado atrás da porta dizendo para onde eles tinham ido... mas não lhe ocorreu dizer quem é o felizardo.

Brianna olhou rapidamente para

o sol poente: o astro já havia se escondido, mas a luz que banhava os castanheiros ainda iluminava o quintal, deixando a grama de primavera tão escura e macia quanto um veludo cor de esmeralda.

— Acho que vamos ter que esperar até amanhã para descobrir — disse ela com certo pesar.

A casa dos McGillivrays ficava a uns bons 8 quilômetros. A noite cairia por completo bem antes de eles chegarem lá, e mesmo com a neve já derretida ninguém ficava

perambulando pelas montanhas no escuro sem um bom motivo, ou pelo menos um motivo melhor do que a simples curiosidade.

– É. Quer subir até a Casa Grande para jantar? O major MacDonald está lá.

– Ah, ele.

Brianna pensou por alguns instantes. Gostaria de ouvir qualquer notícia trazida pelo major, e havia uma vantagem no fato de a sra. Bug preparar o jantar. Por outro lado, não estava nem um pouco disposta a

se mostrar sociável após três dias desalentadores, uma longa viagem e a conspurcação de sua despesa.

Teve consciência de que Roger estava tomando cuidado para não dar uma opinião. Com o braço apoiado na prateleira onde estava espalhado o estoque reduzido de maçãs do inverno, ele acariciava um dos frutos de maneira distraída, alisando devagar com o dedo a face amarela arredondada. Leves e conhecidas vibrações emanavam dele, sugerindo silenciosamente que



talvez houvesse vantagens em passar uma noite em casa, sem pais, sem conhecidos... e sem bebê.

Sorriu para ele.

– Como está sua pobre cabeça?

Roger a olhou de relance, e os últimos raios de sol pintaram de dourado o osso de seu nariz e arrancaram um brilho esverdeado de um dos olhos. Ele pigarreou para limpar a garganta.

– Acho que você poderia dar um beijo – sugeriu ele, tímido. – Se quiser.

Ela obedeceu; ficou na ponta dos pés e deu um beijo delicado, afastando os fartos cabelos pretos da testa dele. Havia um galo perceptível, embora ainda não houvesse sinal de hematoma.

– Melhorou?

– Ainda não. É melhor você tentar outra vez. Quem sabe um pouco mais embaixo?

Ele pousou as mãos nas curvas do quadril dela e a puxou mais para perto.

Brianna tinha quase a sua altura.

Ela já havia reparado antes no quanto isso ajudava no encaixe, mas a mesma impressão tornou a lhe ocorrer de forma intensa. Ela se remexeu de leve, gostando daquilo, e Roger sorveu uma inspiração funda e rascante.

– Não tão baixo assim – disse ele. – Pelo menos não ainda.

– Exigente, você – falou ela, tolerante, e deu-lhe um beijo na boca. Seus lábios estavam mornos, mas ele ainda recendia a cinza amarga e terra úmida, assim como

ela, e Brianna estremeceu um pouco e se afastou.

Roger manteve uma das mãos de leve em suas costas, mas se inclinou até atrás dela e passou um dedo na borda da prateleira onde o jarro de xarope de bordo havia sido derrubado. Passou o dedo de leve em seu lábio inferior, depois no próprio, e tornou a se curvar para beijá-la, e a ternura os dominou.

– Nem consigo me lembrar da última vez que vi você nua.

Ela fechou um dos olhos e o encarou com ar cético.

– Faz uns três dias. Acho que não deve ter sido assim tão memorável.

Fora um grande alívio despir as roupas que vinha usando nos três últimos dias e noites. Mesmo nua e após uma toaleta apressada, porém, ela ainda podia sentir cheiro de poeira nos cabelos e a sujeira da viagem entre os dedos dos pés.

– Ah, bem, é. Mas não foi isso que eu quis dizer... Enfim, já tem um

tempo que não fazemos amor à luz do dia. – Deitado de costas com Brianna sentada sobre o seu corpo, ele sorriu enquanto corria a mão de leve pela curva acentuada de sua cintura e pela protuberância das nádegas. – Você não faz ideia de como é bonita, nuinha em pelo, com o sol batendo por trás. Toda dourada, como se estivesse banhada em ouro.

Ele fechou um dos olhos como se aquela visão o deixasse tonto. Ela se mexeu e o sol bateu no rosto dele,

fazendo o olho aberto brilhar como uma esmeralda na fração de segundo antes de ele piscar.

– Humm.

Ela estendeu a mão preguiçosa e puxou a cabeça dele mais para perto para beijá-lo.

Sabia do que ele estava falando. Aquilo era estranho... quase perverso, de um jeito agradável. Na maioria das vezes os dois faziam amor à noite, depois de Jem dormir, sussurrando um para o outro nas sombras lançadas pela lareira,

encontrando-se por entre as camadas farfalhantes e secretas de mantas e roupas de dormir. E embora Jem em geral dormisse como quem houvesse levado uma bordoada, tinham sempre certa consciência do montinho a respirar de forma pesada sob a manta de sua cama rente ao chão ali perto.

O esquisito era que ela estava igualmente consciente de Jem agora, na sua ausência. Parecia estranho estar longe do filho; não saber o tempo todo onde ele estava, não



sentir o corpo dele como uma extensão pequena e irrequieta do seu. A liberdade era empolgante, mas a deixava com uma sensação de inquietude, como se tivesse perdido algo valioso.

Os dois deixaram a porta aberta para aproveitar melhor a cascata de luz e ar na pele. O sol agora, porém, havia quase se posto e, embora o ar ainda reluzisse feito mel, trazia consigo uma sombra de frio.

Uma súbita rajada de vento sacudiu a pele estendida em frente à

janela e soprou para dentro do quarto, fazendo a porta bater e deixando-os de súbito no escuro.

Brianna deu um arquejo. Roger grunhiu de susto, desceu da cama e foi abrir a porta. Abriu-a de par em par, e ela inspirou a corrente de ar e sol, só então percebendo que havia prendido a respiração quando a porta se fechara, sentindo-se momentaneamente sepultada.

Roger pareceu sentir o mesmo. Ficou parado no limiar da porta, apoiado no batente, deixando o

vento soprar os pelos escuros e encaracolados de seu corpo. Ainda tinha os cabelos presos num rabo de cavalo; não se dera o trabalho de soltá-los, e Brianna teve um súbito desejo de chegar por trás dele, desamarrar a tira de couro e correr os dedos por aqueles fios macios e lustrosos, herança de algum espanhol distante naufragado entre os celtas.

Antes mesmo de tomar qualquer decisão consciente, já estava de pé, tirando pequeninos amentos

amarelos e gravetos dos cachos dele com os dedos. Quer por causa do seu toque ou da sensação do vento na pele, Roger estremeceu, mas seu corpo estava quente.

– Você está bronzeado como um fazendeiro – comentou ela, levantando os cabelos de seu pescoço e o beijando na nuca.

– Bem, e daí? Por acaso não sou fazendeiro?

Sua pele se moveu sob os lábios dela, como o couro de um cavalo. Seu rosto, pescoço e antebraços

havam embranquecido durante o inverno, mas continuavam mais escuros do que a pele das costas e dos ombros... e uma linha tênue ainda perdurava ao redor da cintura, isolando o suave tom castanho do tronco da palidez surpreendente das nádegas.

Ela espalmou as mãos sobre aquelas nádegas, apreciando sua solidez arredondada, e ele suspirou fundo, inclinando-se um pouco para trás na sua direção de modo que os seios dela encostassem nas suas

costas e o queixo descansasse sobre o ombro, apontado para a frente.

Ainda restava luz, mas quase nenhuma. Os últimos raios compridos do poente explodiam por entre os castanheiros, acendendo com um fogo frio o verde-primavera de suas folhas, que brilhavam acima das sombras alongadas. Apesar de ser quase noite, era primavera e os pássaros ainda piavam e se cortejavam. Uma cotovia entoou na floresta próxima uma mistura de trinados, sequências fluidas de notas

e estranhos lamentos que, pensou Brianna, deviam ter sido aprendidos com o gato de sua mãe.

O ar esfriava, e a pele de seus braços e coxas se arrepiou, mas o corpo de Roger encostado no seu estava muito quente. Ela o enlaçou pela cintura e deixou os dedos de uma das mãos brincarem distraídos com os pelos densos, curtos e encaracolados do peito dele.

— O que está olhando? — perguntou baixinho, pois ele tinha os olhos fixos no outro lado do quintal,

no ponto em que a trilha emergia da floresta. Era difícil ver o começo da trilha, escondido pela sombra de um adensamento de pinheiros escuros, mas não havia ninguém ali.

– Estou vendo se avisto uma serpente trazendo maçãs – respondeu ele rindo e, em seguida, tossiu para limpar a garganta. – Está com fome, Eva?

Roger baixou a mão e a entrelaçou à de Brianna.

– Quase. E você?

Ele devia estar faminto. Os dois



havam feito apenas um lanche rápido ao meio-dia.

– Sim, estou, mas... – Ele se interrompeu, hesitante, e apertou com mais força os dedos dela. – Você vai pensar que eu sou maluco... mas acharia muito ruim se eu fosse buscar o pequeno Jem hoje à noite, em vez de amanhã? É que eu me sentiria um pouco melhor se ele estivesse aqui.

Ela, por sua vez, apertou a mão dele, sentindo o coração se animar.

– Vamos os dois. É uma ótima

ideia.

– Pode ser, mas também são 8 quilômetros até a casa dos McGillivrays. Vai escurecer muito antes de chegarmos.

Mas ele estava sorrindo, e seu corpo roçou nos seios dela quando se virou para encará-la.

Algo se moveu junto ao rosto de Brianna, e ela recuou com um movimento brusco. Uma pequenina lagarta, tão verde quanto as folhas das quais se alimentava, e vibrante em meio aos cabelos escuros de

Roger, ergueu-se até formar um S, numa busca vã por um lugar para se proteger.

– O que foi?

Roger moveu os olhos para os lados, tentando ver o que ela via.

– Achei sua serpente. Creio que ela também esteja procurando uma maçã.

Ela catou a pequena lagarta com o dedo, foi até lá fora e se agachou para deixá-la sair rastejando por uma folha de grama do mesmo tom de verde que o seu. Só que a grama

estava na sombra. Num instante apenas, o sol havia se posto, e a floresta não tinha mais as cores da vida.

Um filete de fumaça chegou ao seu nariz; vinha da chaminé da Casa Grande, mas sua garganta se fechou ao sentir o cheiro de queimado. De repente, sua aflição aumentou. A luz se esvaía, a noite se aproximava. A cotovia havia silenciado, e a floresta parecia repleta de mistério e ameaça.

Ela se levantou e passou uma

das mãos pelos cabelos.

– Então vamos.

– Não quer jantar primeiro?

Roger a encarou com um ar de interrogação, segurando a calça.

Ela fez que não com a cabeça e sentiu o frio lhe subir pelas pernas.

– Não. Vamos logo.

Nada parecia importar senão buscar Jem e estarem reunidos outra vez, uma família.

– Está bem – disse Roger com uma voz suave, espiando-a. – Mas acho melhor você vestir a sua folha

de parreira primeiro. Só para o caso de toparmos com um anjo de espada flamejante.

## AS SOMBRAS QUE O FOGO LANÇA

Abandonei Ian e Rollo ao portento de benevolência da sra. Bug; ele que tentasse dizer a *ela* que não queria pão e leite. Então fui me sentar com meu próprio e tardio jantar: uma omelete fresca e quentinha não só

com queijo, mas também com pedaços de bacon salgado, aspargos e cogumelos selvagens, e temperada com cebolas frescas.

Jamie e o major MacDonald já tinham acabado de comer, e estavam sentados junto ao fogo sob uma névoa acolhedora de fumaça de tabaco vinda do cachimbo de barro do militar. Pelo visto, Jamie acabara de concluir seu relato da medonha tragédia para o major, pois este tinha o cenho franzido e balançava a cabeça em sinal de empatia.



– Pobres coitados! – lamentou ele. – Está achando que foram os mesmos *banditti* que atacaram seu sobrinho?

– Estou – respondeu Jamie. – Não gostaria de pensar que existem dois bandos como esse rondando pelas montanhas. – Ele relanceou os olhos para a janela, fechada para a noite de modo aconchegante, e reparei de repente que havia tirado sua espingarda de caçar aves de cima da lareira e limpava distraidamente o cano imaculado

com um trapo embebido em óleo. –  
É verdade que o senhor ouviu  
relatos sobre acontecimentos  
parecidos, *a charaid*?

– Três outros. Pelo menos.

O cachimbo do major ameaçou  
apagar e ele o sugou com força,  
fazendo o tabaco no forninho luzir e  
estalar num lampejo vermelho.

Um leve receio fez com que eu  
me detivesse com um pedaço de  
cogumelo morno na boca. A  
possibilidade de que uma gangue  
misteriosa de homens armados

pudesse estar rondando à solta, atacando fazendas a esmo, não tinha me ocorrido até então.

Obviamente havia ocorrido a Jamie; ele se levantou, tornou a pendurar a caçadeira nos ganchos, tocou o fuzil pendurado acima dela para se reconfortar e em seguida foi até o aparador, onde ficavam guardadas suas armas de fogo e o estojo com seu elegante par de pistolas de duelo.

MacDonald o observava com ar de aprovação, soltando lufadas de

uma fumaça azul-clara, e Jamie foi dispendo de maneira metódica armas, bolsas de chumbinho, moldes de balas, hastes e todos os outros implementos de sua armaria particular.

— Humm — fez MacDonald. — Bela peça esta aqui, coronel.

Ele indicou com a cabeça uma das armas, elegante e de cano longo, com cabo encurvado e detalhes em prata folheados a ouro.

Jamie o encarou por um breve instante ao ouvir a palavra

“coronel”, mas quando respondeu foi com calma.

– Sim, uma bela peça. Só que a mira não acerta nada a mais de dois passos. Ganhei numa corrida de cavalos – acrescentou com um pequeno gesto de lamento em direção à arma, para o caso de MacDonald o julgar tolo o bastante para ter pago um bom dinheiro por ela.

Mesmo assim, verificou a pederneira, substituiu-a por outra e pôs a arma de lado.

– Onde foram os acontecimentos maior? – perguntou em tom casual, enquanto estendia a mão para pegar o molde de balas.

Apesar de ter recomeçado a mastigar, eu mesma olhei para o maior com um ar interrogativo.

– Vejam bem, foi só o que ouvi dizer – alertou MacDonald, tirando o cachimbo da boca por um instante, em seguida recolocando-o depressa para mais uma tragada. – Uma fazenda a certa distância de Salem, destruída por um incêndio. Um

peçoal chamado Zinzer... alemães.

Ele sugou com força, e suas bochechas se encovaram.

– Foi em fevereiro, mais para o final do mês. Então, três semanas depois disso, uma balsa no rio Yadkin, ao norte do Cais de Woram... a casa foi roubada e o balseiro, morto. O terceiro...

Nesse ponto, ele se interrompeu, pôs-se a tragar furiosamente e chispou os olhos na minha direção, então tornou a olhar para Jamie.

– Pode falar, amigo – disse

Jamie em gaélico, com um ar resignado. – Ela já deve ter visto mais coisas horríveis do que o senhor, de longe.

Meneei a cabeça para concordar ao mesmo tempo que espetava com o garfo outro pedaço de ovo, e o major tossiu.

– É. Bem, com todo o respeito à sua presença, senhora... eu por acaso me encontrava num, ahn... num estabelecimento em Edenton...

– Um bordel? – sugeri. – Sim, sei. Pode prosseguir, major.



Ele assim o fez, de modo um tanto apressado, com o rosto muito vermelho abaixo da peruca:

– Ahn... claro. Bem, vejam, quem me contou foi uma das, ahn... uma das moças do estabelecimento. Ela disse que tinha sido roubada em casa por delinquentes que um dia atacaram o lugar sem aviso. Ela vivia apenas com a avó idosa, e falou que eles mataram a velha e queimaram a casa com ela dentro.

– E quem fez isso, segundo ela?

Jamie tinha virado seu

banquinho de frente para a lareira, e derretia aparas de chumbo num cadinho para o molde de balas.

– Ahn...

O rubor de MacDonald se acentuou, e a fumaça saiu de seu cachimbo com tal ferocidade que mal consegui distinguir seus traços por entre as sinuosas volutas.

À custa de muitas tossidas e desvios de rota, revelou-se que o major na verdade não tinha acreditado na moça naquela oportunidade, ou então estava

interessado demais em provar seus encantos para prestar atenção. Tomando a história apenas por uma daquelas que as prostitutas muitas vezes contam para conseguir empatia e um copo a mais de genebra, não se dera o trabalho de pedir mais detalhes.

– Mas depois, quando ouvi falar por acaso nos outros incêndios... bem, vejam, eu tivera a sorte de ser incumbido pelo governador de ficar com as orelhas encostadas no chão, por assim dizer, nas regiões mais

afastadas da cidade, atento a qualquer sinal de perturbação. E comecei a pensar que naquele caso específico de perturbação talvez não houvesse tanta coincidência assim quanto a princípio poderia parecer.

Ao ouvir isso, Jamie e eu nos entreolhamos. A expressão dele estava matizada de bom humor, a minha de resignação. Ele havia apostado comigo que MacDonald, oficial de cavalaria de meio-soldo que sobrevivia à custa de bicos, não apenas iria sobreviver à renúncia do

governador Tryon, como também conseguir cavar imediatamente algum cargo no novo regime, agora que Tryon fora embora para assumir um cargo mais importante como governador de Nova York. “Um cavalheiro de sorte, o nosso Donald”, dissera ele.

O cheiro agressivo de chumbo quente começou a tomar conta do recinto, competindo com a fumaça do cachimbo do major e superando em muito a agradável atmosfera doméstica de pão fermentando,

comida no fogo, ervas secas, plantas usadas para limpeza e sabão de soda cáustica que em geral permeava a cozinha.

O chumbo derrete de repente: num segundo, uma bala deformada ou botão torto está dentro do cadinho, inteiro e distinto. No instante seguinte, sumiu, e uma minúscula poça de metal cintila fosca em seu lugar. Jamie despejou com cuidado o chumbo derretido dentro do molde, desviando o rosto das emanções.

– Por que índios?

– Ah. Bem, foi o que a puta de Edenton disse. Que alguns dos que queimaram sua casa e a roubaram eram índios. Mas, como eu disse, na época não dei muita atenção à história.

Jamie produziu um ruído escocês para indicar que entendia, embora com ceticismo.

– E quando foi que o senhor encontrou essa moça, Donald, e ouviu a história dela?

– Perto do Natal. – Sem erguer

os olhos, o major cutucou o forninho do cachimbo com um indicador manchado. – Quando a casa dela foi atacada, o senhor quer dizer? Ela não disse, mas eu acho... talvez não fizesse muito tempo. Ela estava, ahn... bastante fresca, ainda.

Ele tossiu, cruzou olhares comigo, prendeu a respiração e tornou a tossir, forte, enquanto seu rosto enrubescia.

A boca de Jamie se contraiu com força e ele olhou para baixo, abrindo o molde para deixar cair



sobre a pedra da lareira uma bala recém-fundida.

Pousei o garfo; o que me restava de apetite havia sumido.

– Como? – perguntei. – Como essa jovem foi parar no bordel?

– Ora, senhora, eles a venderam. – O rubor ainda coloria as faces de MacDonald, mas ele havia recuperado a compostura o suficiente para me encarar. – Os bandoleiros. Venderam-na para um comerciante fluvial, segundo ela, poucos dias depois de a terem

sequestrado. Ele a manteve consigo por um tempo, no seu barco, mas então, certa noite, um homem apareceu para fazer negócio, gostou dela e a comprou. Levou-a para o litoral, mas acho que a essa altura já tinha se cansado dela...

Sem terminar a frase, tornou a enfiar o cachimbo na boca e sugou com força.

– Entendo – falei, e senti a metade da omelete que havia comido como uma pequena bola dura no fundo do estômago.

“Bastante fresca, ainda.” Quanto tempo devia levar, perguntei? Quanto tempo durava uma mulher passada casualmente de mão em mão, das tábuas cheias de farpas de um convés de embarcação fluvial para o colchão esfarrapado de um quarto alugado, comendo apenas o suficiente para se manter viva? Era mais do que possível que o bordel de Edenton tivesse lhe parecido uma espécie de porto seguro quando ela chegara. Mas esse pensamento não aumentou minha simpatia por

MacDonald.

— O senhor pelo menos se lembra do nome dela, major? — perguntei, com gélida cortesia.

Pensei ter visto com o rabo do olho o canto da boca de Jamie estremecer, mas mantive o rosto virado para MacDonald.

O major tirou o cachimbo da boca, exalou um longo filete de fumaça, então me encarou com olhos azul-claros e muito diretos.

— Na verdade, senhora, eu simplesmente chamo todas de Polly

– disse ele. – Poupa trabalho, entende?

Fui salva de responder, ou de fazer coisa pior, pela reaparição da sra. Bug, que chegou trazendo uma tigela vazia.

– O rapaz comeu e agora vai dormir – anunciou ela. Seus olhos argutos se moveram depressa do meu rosto para o prato esvaziado pela metade. Ela abriu a boca, com o cenho franzido, mas então olhou para Jamie e, parecendo escutar dele uma ordem muda, tornou a fechar a

boca e pegou o prato com um breve “hum!”.

— Sra. Bug — disse Jamie baixinho. — Será que a senhora poderia pedir a Arch para vir aqui falar comigo? E, se não for abusar demais, dar o mesmo recado a Roger Mac?

Os olhos pretos e miúdos da sra. Bug percorreram o recinto, então se estreitaram ao chegar a MacDonald, evidentemente desconfiando que, se havia algo de estranho acontecendo, quem estava por trás era ele.

– Claro – respondeu ela, e, balançando a cabeça na minha direção para me repreender por minha falta de apetite, pousou a louça e saiu, deixando a porta no trinco.

– Cais de Woram – disse Jamie para MacDonald, continuando a conversa como se ela não houvesse sido interrompida. – E Salem. E, se forem os mesmos homens, o Jovem Ian os encontrou na floresta, um dia de viagem a oeste daqui. Perto o suficiente.

– Perto o suficiente para serem os mesmos? É, é, sim.

– Estamos no começo da primavera.

Jamie olhou para a janela ao dizer isso; estava escuro agora, e as persianas tinham sido fechadas, mas uma brisa fria penetrava pelas frestas e balançava os fios nos quais eu havia pendurado cogumelos para secar, formas escuras e murchas que se sacudiam qual pequenos dançarinos, congeladas contra a madeira clara.



Eu sabia o que ele queria dizer com aquilo. O terreno das montanhas era impraticável durante o inverno; os altos desfiladeiros ainda estavam nevados, e as encostas mais baixas haviam apenas começado a verdejar e florir nas últimas semanas. Se houvesse mesmo uma gangue organizada de saqueadores, talvez só agora eles estivessem começando a rumar para as regiões mais altas, depois de um inverno passado discretamente no sopé das montanhas.

– É verdade – assentiu MacDonald. – Cedo o bastante, quem sabe, para as pessoas estarem atentas. Mas antes de os seus homens chegarem, senhor... talvez devêssemos falar sobre o que me trouxe até aqui?

– Ah, sim? – disse Jamie, semicerrando os olhos com cuidado enquanto despejava um filete cintilante de chumbo. – Claro, Donald. Eu deveria ter desconfiado que nenhum assunto de pequena monta o traria tão longe. O que é?

MacDonald sorriu como um tubarão; agora estávamos chegando ao ponto.

– O senhor fez um belo trabalho com este seu lugar, coronel. Quantas famílias vivem agora em suas terras?

– Trinta e quatro – respondeu Jamie.

Não ergueu os olhos, mas soltou mais uma bala sobre as cinzas.

– Talvez haja lugar para mais algumas?

MacDonald continuava a sorrir.

Estávamos cercados por milhares de quilômetros de natureza selvagem; o punhado de fazendas da Cordilheira dos Frasers mal fazia uma moosa nessa imensidão... e poderia desaparecer feito fumaça. Pensei por um instante no chalé dos holandeses e, apesar do fogo na lareira, estremeci. Ainda podia sentir o cheiro amargo e persistente de carne queimada, espesso no fundo da garganta, à espreita entre os sabores mais leves da omelete.

– Pode ser – respondeu Jamie,

calmo. – São os novos emigrantes escoceses? Lá do norte, depois de Thurso?

Tanto o major MacDonald quanto eu o encaramos.

– Como diabos o senhor sabe disso? – perguntou MacDonald. – Eu mesmo só fiquei sabendo dez dias atrás!

– Encontrei um homem no moinho ontem – respondeu Jamie, tornando a pegar o cadinho. – Um cavalheiro da Filadélfia que veio às montanhas coletar plantas. Ele havia

chegado de Cross Creek e os tinha visto. – Um músculo perto de sua boca se contraiu. – Ao que parece, eles causaram certa comoção em Brunswick e não se sentiram exatamente bem-vindos, então subiram o rio em barcaças.

– Certa comoção? O que eles fizeram? – indaguei.

– Bem, ultimamente há muita gente chegando nos navios direto das Terras Altas, a senhora entende – explicou o major. – Aldeias inteiras abarrotadas nas entranhas de

um navio... e que quando desembarcam parece mesmo terem sido cagadas. Só que não há nada para essa gente na costa, e os moradores das cidades têm tendência a apontar-lhes o dedo e zombar deles ao ver suas roupas esquisitas, de modo que a maioria sobe direto numa barcaça ou numa chata e segue em direção a Cape Fear. Pelo menos Campbelton e Cross Creek têm um pessoal capaz de falar com eles.

Ele sorriu para mim e limpou um

pouco da terra que sujava a saia do casaco de seu uniforme.

– O pessoal de Brunswick não deve estar muito acostumado com essa gente rústica das Terras Altas, já que eles só viram escoceses civilizados como o seu marido e a tia dele.

Ele meneou a cabeça em direção a Jamie, que em troca lhe fez uma leve e irônica mesura.

– Bem, relativamente civilizados – murmurei. Não estava pronta para perdoar MacDonald pela puta de



Edenton. – Mas...

– Pelo que ouvi dizer, eles mal falam uma palavra de inglês entre si

– prosseguiu MacDonald apressado.

– Farquard Campbell desceu para falar com eles e os levou até o norte para Campbelton, caso contrário não duvido que eles ainda fossem estar apinhados no litoral sem a menor ideia de para onde ir ou do que fazer.

– O que Campbell fez com eles?

– quis saber Jamie.

– Ah, estão distribuídos entre os

parentes dele em Campbelton, mas isso não vai dar certo a longo prazo, claro, já dá para ver.

MacDonald deu de ombros. Campbelton era um pequeno povoado perto de Cross Creek, nascido a partir do bem-sucedido armazém de Farquard Campbell, e as terras ao redor estavam totalmente ocupadas... em sua maioria pelos Campbells. Farquard tinha oito filhos, muitos dos quais também eram casados... e tão férteis quanto o pai.

– Claro – falou Jamie com ar de cautela. – Mas eles são do litoral norte. Devem ser pescadores, Donald, não fazendeiros.

– É, mas estão dispostos a mudar de vida, não? – MacDonald fez um gesto em direção à porta e à floresta mais além. – Na Escócia não sobrou nada para eles. Eles vieram para cá, e agora precisam tirar disso o melhor proveito possível. Com certeza um homem pode aprender a ser fazendeiro, não?

Jamie tinha um ar um tanto

cético, mas MacDonald estava inteiramente tomado pelo entusiasmo.

– Já vi muitos pescadores e agricultores virarem soldados, homem, e aposto que o senhor também. Ser fazendeiro não pode ser mais difícil do que ser soldado.

Isso fez Jamie sorrir de leve: ele próprio tinha largado a vida de fazendeiro aos 19 anos e passara vários anos lutando como mercenário na França antes de voltar à Escócia.

– É, bem, talvez você tenha razão, Donald. Mas, quando você é soldado, tem alguém para lhe dizer o que fazer desde a hora em que acorda até a hora em que desaba à noite. Quem vai dizer a esses pobres tolos de que lado ordenhar a vaca?

– No caso seria você, imagino – falei. Estiquei-me para relaxar as costas e olhei para MacDonald. – Ou pelo menos imagino que seja nesse ponto que o senhor queira chegar, não, major?

– Seu charme só é superado pelo

seu raciocínio rápido, minha senhora – disse MacDonald, curvando o corpo graciosamente na minha direção. – Sim, é essa a essência. Todos vocês aqui são das Terras Altas, senhor, e são fazendeiros. Vão conseguir, na língua desses recém-chegados, mostrar a eles o que precisam fazer... ajudá-los a traçar seu caminho.

– Há muitas outras pessoas na colônia que falam *gaidhlig* – contrapôs Jamie. – E a maioria mora bem mais perto de Campbelton.

– Sim, mas vocês aqui têm terras livres que precisam ser desmatadas, e eles lá não.

Evidentemente achando que havia ganhado a discussão, MacDonald se recostou e empunhou sua negligenciada caneca de cerveja.

Jamie olhou para mim com a sobrancelha arqueada. Era verdade mesmo que tínhamos terras livres: 4 mil hectares, mas a área cultivada mal chegava a 8. Era verdade também que a falta de mão de obra era um problema sério em toda a

colônia, e mais ainda nas montanhas, onde as terras não se prestavam nem ao cultivo do tabaco nem do arroz... os tipos de lavoura adequados ao trabalho escravo.

Ao mesmo tempo, contudo...

– A dificuldade, Donald, é como assentar essa gente. – Jamie se curvou para soltar mais uma bala sobre a pedra da lareira e se endireitou, ajeitando uma mecha solta de cabelos ruivos atrás da orelha. – Eu tenho terras, sim, mas pouco mais do que isso. Não se



pode soltar uma gente direto da Escócia na mata virgem e esperar que eles consigam sobreviver. Eu não poderia sequer lhes dar os sapatos e a muda de roupas que um escravo receberia, quanto mais ferramentas. E quanto a alimentar durante o inverno todos esses homens e suas esposas e bebês? Ou lhes dar proteção?

Para ilustrar o que dizia, ele ergueu o cadinho, em seguida balançou a cabeça e jogou lá dentro mais um pedaço de chumbo.

– Ah, proteção. Bem, já que o senhor falou nisso, deixe-me abordar outra pequena questão interessante.

MacDonald se inclinou para a frente e, apesar de não haver ninguém escutando, baixou a voz até um tom confidencial.

– Eu disse que sou o homem do governador, não foi? Ele me encarregou de viajar pela parte oeste da colônia e manter o ouvido encostado no chão. Existem Reguladores que ainda não

receberam o perdão, e... – Ele olhou cautelosamente para um lado e para o outro, como se achasse que uma dessas pessoas pudesse pular da lareira. – ... vocês todos já devem ter ouvido falar nos Comitês de Segurança?

– Um pouco.

– Ainda não devem ter formado um aqui nas montanhas.

– Não que eu saiba, não.

Jamie não tinha mais chumbo para derreter, então se abaixou para catar as balas recém-fundidas do

meio das cinzas a seus pés enquanto a luz cálida do fogo luzia vermelha no seu cocuruto. Sentei-me ao seu lado no banco, peguei a bolsinha de munição em cima da mesa e a estendi aberta para ele.

– Ah – disse MacDonald com ar de satisfação. – Vi que cheguei em boa hora, então.

Na esteira dos distúrbios relacionados à Guerra da Regulação, um ano antes, vários desses grupos informais de cidadãos haviam surgido, inspirados por

grupos semelhantes em outras colônias. Se a Coroa não era mais capaz de garantir a segurança dos colonos, argumentavam estes, era preciso que eles próprios assumissem a tarefa.

Não se podia mais confiar nos xerifes para manter a ordem; os escândalos que haviam inspirado o movimento dos Reguladores tinham garantido isso. A dificuldade, claro, era que, como os comitês eram automeados, não havia motivo algum para se confiar mais neles do

que nos xerifes.

Havia também outros comitês. Os Comitês de Correspondência, associações frouxas de homens que escreviam cartas para lá e para cá, espalhando notícias e boatos entre as colônias. E era desses diversos comitês que nasciam as sementes da rebelião, sementes que naquele exato instante germinavam em algum lugar da fria noite de primavera.

Como fazia de vez em quando, e agora com muito mais frequência, calculei o tempo que restava. Já

estávamos quase em abril de 1773, e *no dia 18 de abril do ano de 75...* como dizia Longfellow de modo tão singular...

Dois anos. Mas a guerra tem o pavio longo e a mecha lenta. Aquela mecha tinha sido acesa em Alamance, e as linhas brilhantes e quentes do fogo que avançava pela Carolina do Norte já podiam ser vistas... por quem soubesse olhar.

As pelotas de chumbo da bolsa de chumbinho que eu segurava se entrechocaram e chacoalharam;

meus dedos haviam se contraído em volta do couro. Ao perceber isso, Jamie tocou meu joelho, um toque rápido e leve, para me reconfortar, em seguida pegou a bolsinha, enrolou-a e a enfiou dentro da caixa de munição.

– Em boa hora – repetiu ele, olhando para MacDonald. – O que quer dizer com isso, Donald?

– Ora, quem poderia liderar um comitê assim senão o senhor, coronel? Foi isso que sugeri ao governador.



MacDonald tentou parecer modesto, mas não conseguiu.

– Quanta bondade a sua, major – disse Jamie, seco, e arqueou uma das sobrancelhas para mim.

A situação do governo da colônia devia estar ainda pior do que ele supusera, para o governador Martin estar não apenas tolerando a existência dos comitês... mas também os apoiando clandestinamente.

O ganido demorado de um bocejo canino chegou débil aos

meus ouvidos vindo do corredor, e pedi licença para ir ver como Ian estava.

Perguntei-me se o governador Martin fazia alguma ideia do que estava perdendo. Meu palpite era que sim, e que ele estava tirando máximo proveito de um emprego ruim tentando garantir que pelo menos alguns dos Comitês de Segurança fossem comandados por apoiadores da Coroa durante a Guerra da Regulação. Mesmo assim, não conseguia controlar ou sequer

saber da existência de muitos desses comitês. Mas a colônia estava começando a fervilhar e a se agitar feito uma chaleira à beira da ebulição, e Martin não tinha soldados oficiais sob seu comando, apenas irregulares como MacDonald... e as milícias.

Era por isso que MacDonald estava chamando Jamie de “coronel”, claro. O governador anterior, William Tryon, um tanto à sua revelia, havia nomeado Jamie coronel da milícia das montanhas

acima do Yادkin.

– Humm – fez ele para si mesmo.

Nem MacDonald nem Martin eram bobos. Convidar Jamie para montar um Comitê de Segurança significava que ele iria convocar os homens que haviam servido sob seu comando na milícia, mas sem comprometer o governo a nada com relação a pagá-los ou equipá-los, e o governador estaria a salvo de qualquer responsabilidade por seus atos, uma vez que um Comitê de Segurança não era uma corporação

oficial.

Mas o perigo de aceitar uma proposta dessas era considerável, para Jamie e para todos nós.

Estava escuro no corredor, sem luz alguma exceto a que vazava da cozinha atrás de mim e a débil claridade da única vela no consultório. Ian dormia, mas um sono agitado, com o desconforto a enrugar de leve a pele macia entre as sobrancelhas. Rollo levantou a cabeça, e seu rabo grosso se arrastou de um lado para o outro do

chão para me acolher.

Ian não reagiu quando eu disse o seu nome, nem quando pousei a mão no seu ombro. Sacudi-o com delicadeza, depois com mais força. Pude vê-lo lutar, em algum lugar sob as camadas de inconsciência, como um homem à deriva nas correntezas subaquáticas que cede ao convite das profundezas antes de ser repentinamente físgado por um anzol inesperado, uma pontada de dor na carne anestesiada pelo frio.

Seus olhos se abriram de

repente, escuros e perdidos, e ele me encarou sem entender.

– Olá – falei baixinho, aliviada por vê-lo acordado. – Como você se chama?

Pude ver que a pergunta não fez sentido para ele de imediato, e a repeti de modo paciente. A consciência se agitou em algum lugar nas profundezas de suas pupilas dilatadas.

– Quem sou eu? – perguntou ele em gaélico. Disse mais alguma coisa em mohawk com uma voz arrastada,

e suas pálpebras estremeceram e se fecharam.

– Ian, acorde – falei, firme, tornando a sacudi-lo. – Diga-me quem você é.

Seus olhos tornaram a se abrir, e ele os estreitou para mim, sem entender.

– Tentemos algo mais fácil – sugeri, e ergui dois dedos. – Quantos dedos você está vendo aqui?

Uma centelha de consciência surgiu nos seus olhos.

– Não deixe Arch Bug ver a



senhora fazendo isso, tia – disse ele, grogue, e seu rosto exibiu um esboço de sorriso. – É muito grosseiro, sabe?

Bem, pelo menos ele havia me reconhecido, e também o gesto do “V”; já era alguma coisa. E, se ele estava me chamando de tia, devia saber quem era.

– Qual é seu nome todo? – tornei a perguntar.

– Ian James FitzGibbons Fraser Murray – respondeu ele, um tanto irritado. – Por que está me

perguntando meu nome?

– FitzGibbons? – estranhei. – Onde diabos você arrumou esse nome?

Ele grunhiu, levou dois dedos às pálpebras e fez uma careta ao pressionar de leve.

– Tio Jamie me deu... ponha a culpa nele – respondeu Ian. – Segundo ele, é em homenagem a seu velho padrinho, Murtagh FitzGibbons Fraser, mas a minha mãe não queria que eu me chamasse Murtagh. Acho que vou vomitar

outra vez – acrescentou ele, puxando a mão de volta.

Na verdade, ele teve alguns espasmos e tossiu um pouco acima da bacia, mas não chegou a vomitar, o que era um bom sinal. Tornei a deitá-lo de lado, branco e gelado de suor, e Rollo se levantou sobre as patas traseiras para lambe seu rosto, com as dianteiras apoiadas na mesa, o que o fez rir entre um grunhido e outro e tentar empurrar o cão para longe sem muita força.

– *Theirig dhachaigh, Okwaho* –

falou.

*Theirig dhachaigh* significava “vá para casa” em gaélico, e Okwaho era evidentemente o nome de Rollo em mohawk. Ian parecia estar tendo alguma dificuldade para escolher entre os três idiomas nos quais era fluente, mas apesar disso era óbvio que estava lúcido. Depois de fazê-lo responder a mais algumas perguntas irritantemente sem propósito, enxuguei seu rosto com um pano úmido, deixei que bochechasse com um vinho bem

diluído em água e tornei a acomodá-lo na cama.

– Tia – disse ele com uma voz arrastada quando eu estava me virando em direção à porta. – A senhora acha que eu algum dia vou ver de novo a minha mãe?

Parei, sem a menor ideia de como responder a essa pergunta. Na realidade não foi preciso: ele havia tornado a pegar no sono do modo repentino como acontece a muitas vítimas de concussão, e antes de eu conseguir encontrar qualquer

palavra já estava respirando  
profundamente.

## EMBOSCADA

Ian despertou de modo abrupto, fechando a mão em volta do tacape. Ou do que deveria ter sido o seu tacape, mas em vez disso era um punhado de pano de calça. Por um segundo, não teve noção alguma de onde estava e sentou-se ereto para

tentar distinguir formas no escuro.

A dor lhe varou a cabeça como um raio de fogo, fazendo-o arquejar sem emitir som algum e segurá-la. Em algum lugar na escuridão abaixo dele, Rollo bufou baixinho de surpresa, *uouf?*

Meu Deus. Os cheiros penetrantes do consultório da tia lhe atingiram a parte de trás do nariz, álcool, pavio queimado, folhas medicinais secas e as misturas nauseabundas que ela chamava de pene-silina. Ele fechou os olhos,



pousou a testa nos joelhos erguidos e respirou lentamente pela boca.

Com o que estava sonhando? Algum sonho de perigo, algo violento... mas nenhuma imagem nítida lhe veio à cabeça, apenas a sensação de estar sendo seguido, de algo a persegui-lo pela mata.

Precisava mijar, com urgência. Tateou em busca da borda da mesa e foi se levantando aos poucos, semicerrando os olhos para se proteger dos clarões de dor na cabeça.

A sra. Bug tinha lhe deixado um penico, lembrava-se de ela ter dito isso, mas a vela havia se apagado e ele não tinha condições de engatinhar pelo chão à sua procura. Uma luz débil lhe indicava a localização da porta; ela a deixara entreaberta, e uma claridade vinha da lareira da cozinha e se espalhava pelo corredor. Usando-a como farol, ele foi até a janela, abriu-a, soltou desajeitadamente o trinco da veneziana e ficou em pé diante da enxurrada de ar da fria noite de

primavera, olhos fechados de alívio enquanto esvaziava a bexiga.

Melhor assim, embora o alívio tivesse aguçado a consciência do enjoo e do latejar na cabeça. Ele se sentou, pousou os braços nos joelhos e a cabeça nos braços e esperou tudo melhorar. Vozes vinham da cozinha; pôde ouvi-las com clareza, agora que estava prestando atenção.

Eram tio Jamie e aquele tal de MacDonald, e o velho Arch Bug também, mais tia Claire, que de vez em quando fazia um aparte, a voz

inglesa nítida em contraste com os resmungos bruscos do escocês e do gaélico.

– O senhor por acaso gostaria de ser um agente indígena? – perguntava MacDonald.

O que era aquilo?, perguntou-se Ian. Então se lembrou. Sim, claro: a Coroa contratava homens para irem até as aldeias oferecer presentes aos índios, tabaco, facas, coisas assim. Para lhes dizer bobagens sobre o rei, como se fosse provável ele aparecer e se sentar em frente às

fogueiras do conselho na Lua do Coelho seguinte e falar como um homem.

Pensar aquilo o fez sorrir tristemente. O conceito era bem simples: engambelar os índios para fazê-los lutar do lado dos ingleses quando fosse preciso. Mas por que eles pensariam que precisavam disso agora? Os franceses haviam capitulado e se retirado para seu território setentrional do Canadá.

Ah! Ele então se lembrou do que Brianna tinha lhe dito sobre o novo

combate que estava por vir. Não soubera se devia acreditar nela ou não... mas talvez ela tivesse razão, e nesse caso... ele não queria pensar nisso. Nem em qualquer outra coisa.

Rollo andou até onde ele estava, sentou-se e se recostou pesadamente no seu corpo. Ele se recostou de volta, descansando a cabeça na pelagem densa.

Um agente indígena tinha aparecido certo dia, quando ele morava em Snaketown. Um sujeitinho gordo, com olhos

dissimulados e um tremor na voz. Pensava que o homem... Meu Deus, como ele se chamava? Os mohawks o haviam chamado de Suor Ruim, um nome condizente: ele fedia como se estivesse acometido por uma doença mortal. Na sua opinião, o homem não estava muito acostumado a lidar com os kahnyen'kehakas: não conhecia grande coisa da língua deles, e obviamente imaginava que eles fossem escalpelá-lo a qualquer instante, algo que os índios achavam hilariante... e um ou dois teriam até

tentado, só de brincadeira, não fosse Tewaktenyonh ter lhes dito para tratar o homem com respeito. Ian fora instado a traduzir para ele, trabalho que havia realizado, embora sem grande prazer. Preferia muito mais se considerar um mohawk do que reconhecer qualquer parentesco com Suor Ruim.

Mas tio Jamie... ele iria desempenhar muito melhor essa tarefa, sem comparação. Será que iria aceitar? Ian ficou escutando as vozes com uma vaga sensação de



interesse, mas ficou claro que tio Jamie se recusava a ser pressionado para tomar uma decisão. Seria mais fácil para MacDonald tentar agarrar um sapo numa nascente, pensou ele ao ouvir o tio se esquivar do compromisso.

Deu um suspiro, passou o braço em volta de Rollo e apoiou-se mais no cachorro. Sentia-se péssimo. Teria imaginado que estava à beira da morte, não fosse tia Claire ter lhe dito que ele iria se sentir mal por vários dias. Tinha certeza de que ela

teria ficado caso ele estivesse à beira da morte, e não ido embora e o deixado com a companhia apenas de Rollo.

As venezianas continuavam abertas e o ar frio se derramava sobre ele, gelado e suave ao mesmo tempo, como eram as noites de primavera. Ele sentiu Rollo levantar o focinho, farejar e soltar um ganido baixo e ansioso. Um gambá, talvez, ou então um guaxinim.

– Pode ir – falou, endireitando-se e dando um empurrãozinho no

cachorro. – Eu estou bem.

O cão o cheirou desconfiado e tentou lambe-la a parte de trás de sua cabeça, onde estavam os pontos, mas desistiu quando Ian deu um grito e cobriu o local com as mãos.

– Vá, eu já disse!

Deu-lhe um tabefe de leve e Rollo bufou, girou no próprio eixo, então pulou por cima de sua cabeça e pela janela e aterrissou no chão do outro lado com um baque sólido. Um guincho assustador varou a noite, e ouviu-se o ruído de pés correndo e

corpos pesados atravessando os arbustos.

Vozes espantadas vieram da direção da cozinha, e ele ouviu tio Jamie sair para o corredor um segundo antes de a porta do consultório se abrir.

– Ian? – chamou seu tio baixinho. – Onde você está, rapaz? O que aconteceu?

Ele se levantou, mas um lençol branco ofuscante baixou dentro de seus olhos, e ele cambaleou. Tio Jamie o segurou pelo braço e o fez

sentar num banquinho.

– O que houve, rapaz? – Quando sua visão clareou, ele pôde ver o tio à luz que emanava da porta, com o fuzil numa das mãos e olhando para a janela aberta com uma expressão preocupada, mas bem-humorada. Jamie inspirou fundo. – Não era um gambá, imagino.

– Bem, é, acho que deve ser uma coisa ou outra – disse Ian, tocando com cuidado a própria cabeça. – Ou Rollo saiu atrás de um puma, ou então encurralou o gato da tia na

árvore.

– Ah, sim. Ele teria mais sorte com o puma. – Seu tio pousou o fuzil e foi até a janela. – Quer que eu feche a janela, ou você precisa de ar? Está um pouco abatido.

– Estou me sentindo abatido – reconheceu Ian. – É, tio, deixe aberta, por favor.

– Não é melhor você descansar?

Ian hesitou. Seu estômago continuava revirado, e ele de fato sentia que seria bom se deitar outra vez... mas o consultório o deixava

nervoso, com aqueles cheiros fortes e brilhos aqui e ali de pequenas lâminas e outras coisas misteriosas e doloridas. Tio Jamie pareceu entender o problema, pois curvou-se e levou uma das mãos até debaixo do cotovelo de Ian.

– Vamos, rapaz. Você pode dormir lá em cima numa cama de verdade, se não se importar que o major MacDonald durma na outra.

– Eu não me importo – disse ele.  
– Mas acho que vou ficar aqui. – Fez um gesto em direção à janela, sem

querer menear a cabeça e tornar a sentir dor. – Rollo deve voltar daqui a pouco.

Tio Jamie não discutiu, fato pelo qual ele se sentiu grato. Mulheres criavam caso. Homens simplesmente tocavam a vida.

Seu tio o ajudou sem muita cerimônia a voltar para a cama, cobriu-o, então pôs-se a tatear no escuro em busca do fuzil que havia pousado. Ian começou a sentir que, no fim das contas, talvez pudesse suportar um pouco de criação de



caso.

– Tio Jamie, o senhor poderia pegar um copo d'água para mim?

– Ahn? Ah, sim.

Tia Claire havia deixado uma jarra d'água ali perto. Ouviu-se o barulho reconfortante de água gorgolejando, então a borda de uma caneca de barro encostou na sua boca, e a mão de seu tio o amparou por trás para mantê-lo ereto. Embora não precisasse disso, ele não objetou; o toque era cálido e reconfortante. Não tinha percebido o

quanto estava com frio por causa do ar da noite, e estremeceu de leve.

– Está tudo bem, rapaz? – murmurou tio Jamie, e apertou com mais força o ombro de Ian.

– Sim, tudo. Tio Jamie?

– Hã?

– Tia Claire lhe contou sobre... uma guerra? Uma guerra que ainda vai acontecer, quero dizer? Contra a Inglaterra?

Houve alguns instantes de silêncio e a grande silhueta de seu tio se imobilizou à luz da porta.

– Sim – respondeu ele, e retirou a mão. – Ela contou a você?

– Não, foi a prima Brianna. – Ele se deitou de lado, tomando cuidado com a cabeça dolorida. – O senhor acreditou?

Dessa vez não houve hesitação.

– Sim, acreditei.

A frase foi dita no tom neutro característico de seu tio, mas algo nela fez os cabelos da nuca de Ian se eriçarem.

– Ah. É isso, então.

O travesseiro de plumas de

ganso era macio sob a sua bochecha e cheirava a lavanda. A mão de seu tio lhe tocou a cabeça e afastou os cabelos desarrumados de seu rosto.

– Não se preocupe com isso agora, Ian – disse Jamie baixinho. – Ainda há tempo.

Ele pegou o fuzil e se retirou. De onde estava deitado, Ian podia ver por cima das árvores do outro lado do quintal, onde elas desciam da borda da Cordilheira, se estendiam pela encosta da montanha Negra e desapareciam mais além no céu

noturno coalhado de estrelas.

Ouviu a porta dos fundos se abrir e a voz da sra. Bug se erguer acima das outras.

– Eles não estão em casa, senhor – dizia ela, ofegante. – E o chalé está escuro, sem fogo na lareira. Aonde podem ter ido a esta hora da noite?

Ian se perguntou difusamente quem teria ido, mas isso não lhe pareceu importar muito. Se fosse um problema, tio Jamie lidaria com ele. Esse pensamento o reconfortou. Ele

se sentiu um menino pequeno, seguro na cama, ouvindo a voz do pai do lado de fora conversando com um arrendatário na escuridão fria de uma madrugada nas Terras Altas.

O calor se espalhou lentamente por cima dele embaixo da colcha, e ele dormiu.

Fim da amostra.

CONHEÇA OS OUTROS TÍTULOS  
DA SÉRIE OUTLANDER

*A viajante do tempo*

LIVRO UM

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

# OUTLANDER

A VIAJANTE DO TEMPO

LIVRO 1



3ª Temporada  
de Outlander  
exclusiva no



DIANA GABALDON



*A libélula no âmbar*

LIVRO DOIS

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

# OUTLANDER

A LIBÉLULA NO ÂMBAR

LIVRO 2



3ª temporada  
de Outlander  
exclusiva no

**FX** PREMIUM  
em TV

DIANA GABALDON

*O resgate no mar*

LIVRO TRÊS

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

# OUTLANDER

O RESGATE NO MAR

LIVRO 3



3ª temporada  
de Outlander  
exclusiva no

FOX PREMIUM  
APP & TV

DIANA GABALDON

*Os tambores do outono*

LIVRO QUATRO – PARTE I

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

# OUTLANDER

## OS TAMBORES DO OUTONO

LIVRO QUATRO - PARTE I

DIANA GABALDON



*Os tambores do outono*

LIVRO QUATRO – PARTE II

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

# OUTLANDER

## OS TAMBORES DO OUTONO

LIVRO QUATRO - PARTE II

DIANA GABALDON





*A cruz de fogo*

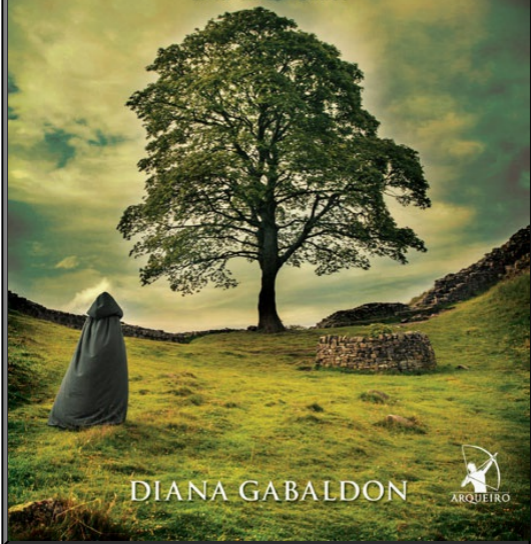
LIVRO CINCO – PARTE I

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

# OUTLANDER

A CRUZ DE FOGO

LIVRO CINCO - PARTE I



DIANA GABALDON



*A cruz de fogo*

LIVRO CINCO – PARTE II

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

# OUTLANDER

A CRUZ DE FOGO

LIVRO CINCO - PARTE II

DIANA GABALDON



## SOBRE A AUTORA



DIANA

GABALDON

cresceu no Arizona, Estados Unidos, e é de ascendência mexicano-americana e inglesa. Tem formação em Zoologia, Biologia Marinha e Ecologia. Foi professora universitária durante mais de doze anos antes de se dedicar à escrita em tempo integral.

Sua série *Outlander* se tornou um enorme sucesso mundial e foi adaptada para a TV em 2014, ganhando o BAFTA e sendo indicada ao Globo de Ouro e ao Emmy. No Brasil, as temporadas 1 e

2 estão disponíveis na FOX Premium APP & TV e na Netflix, e a temporada 3 é exclusiva da FOX Premium.

*Um sopro de neve e cinzas* ganhou o Corine International Prize, além do Quill Award, vencendo obras de George R. R. Martin e Stephen King.

Atualmente Diana mora em Scottsdale, no Arizona.

Para saber mais sobre os títulos e  
autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso  
site.

Além de informações sobre os  
próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos  
exclusivos  
e poderá participar de promoções e  
sorteios.



[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

